



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

WIRYANNE GOMES DA SILVA

**O MÉTODO MONTESSORIANO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS
DO ESTADO DE ALAGOAS (1928-1930)**

Maceió
2022

WIRYANNE GOMES DA SILVA

O MÉTODO MONTESSORIANO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS
DO ESTADO DE ALAGOAS (1928-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de
Loiola Madeira

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDU

Bibliotecária: Lucia Lima do Nascimento / CRB-4 - 1537

S586m Silva, Wiryanne Gomes da.
O método montessoriano nas escolas primárias do estado de Alagoas/ Wiryanne Gomes da Silva. 2022.
51 f.

Orientador: Maria das Graças Loiola Madeira

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 48-51.

1. Educação infantil. 2. Métodos de ensino – Maria Montessori. I. Título.

CDU: 372.3

WIRYANNE GOMES DA SILVA

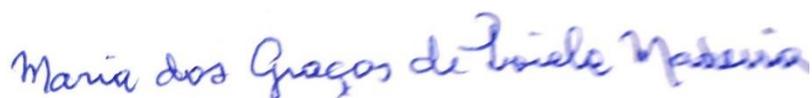
O MÉTODO MONTESSORIANO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS (1928-1930).

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 27/06/2022.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria das Graças de Loiola Madeira (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora



Profa. Dra. Maria das Graças de Loiola Madeira (CEDU/UFAL)



Prof. Dr. Ivanildo Gomes dos Santos (CEDU/UFAL)



Prof. Me. Marcondes dos Santos Lima (UFPE)

DEDICATÓRIA

A minha filha, Yorrane (*In memoriam*), sua vida tão curta deixou uma saudade imensa dentro de mim ao mesmo tempo em que me motivou a seguir em frente e entender que a vida é apenas um instante, que o importante é colecionar lembranças de momentos bons.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me permitir chegar até aqui ultrapassando cada obstáculo encontrados ao longo do curso.

Aos meus familiares, meus pais que sempre me incentivaram a estudar e me apoiaram em todas as decisões, a minha irmã Willyara Gomes por sempre estar comigo me aconselhando e ajudando a melhorar, ao meu filho Thiago Valentim que me fez sorrir novamente realizando o sonho de ser mãe.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria das Graças de Loiola Madeira, que não desistiu de mim, todo o seu apoio e compreensão foram essenciais para minha permanência na graduação e na conclusão desse trabalho, seus cuidados e orientações me proporcionaram momentos grandiosos que contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal.

Aos professores da banca, por terem aceitado o nosso convite.

Por fim sou grata a mim mesmo, por ter chegado até aqui enfrentando diversas crises emocionais sem desistir do meu alvo maior, concluir o curso e realizar o sonho que não é só meu, mas também da minha família em ver a primeira graduada em pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas.

[...]
Tudo aquilo que sonhou, mas ainda não viveu
Tudo que Deus prometeu, tome posse, pois é teu
Cada lágrima que verteu ou cada prece que saiu
de você
Tornará real aquilo que ainda não se vê [...]

Sonhos Possíveis – Pregador Luo

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar as contribuições do método de Maria Montessori para a educação alagoana, no período de 1928 - 1930, circuladas na *Revista de Ensino* de Alagoas a fim de indicar seus alcances e seus limites na História da Educação alagoana. A pedagogia Montessoriana surgiu em resposta a uma tentativa de transformação da educação, seus métodos inovadores na maneira de educar a criança deslumbraram os professores reformistas os quais buscavam uma metodologia capaz de responder as exigências da sociedade que se configurava no início do século XX. Quanto às fontes consultadas constam os artigos da *Revista de Ensino* publicados entre os anos de 1928-1930 dos professores alagoanos: Craveiro Costa, Mercedes Dantas, M. de Paew, José Ribeiro Escobar, Maria Rosalia de Ambrozzio. O estudo recortou esse período pelo contexto do periódico alagoano que evidencia com maior regularidade a metodologia montessoriana, em virtude da divulgação das experiências, sobretudo, da professora alagoana Maria Rosália Ambrozzio que se dedicou a utilizar as ideias de Montessori em sua sala de aula e compartilhá-la no referido periódico.

Como referenciais teóricos constam os textos de Bárbara Hungria Dias Pires, *Práticas pedagógicas Montessorianas: Potencialidades e desafios* (2018); Simone Ballmann de Campos, *A institucionalização do método montessoriano no campo educacional brasileiro (1914- 1952)* (2017); Regina Brito Mota dos Santos, *a infância na Revista de Ensino em Alagoas (1927 - 1931) em contraponto com Walter Benjamin* (2017); Iane Campos Martins, *Os escritos educacionais de João Craveiro Costa e a Escola Nova em Alagoas nas décadas de 1920 a 1930: Interrelação entre ideias e práticas* (2014); Dermeval Saviani, *Escola e Democracia : teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política* (1999). Particularmente Saviani nos ajudou na elaboração de contrapontos em relação às influencias da Escola Nova no Brasil, nas quais se incluía a pedagogia de Montessori.

Como base teórico-metodológica encontra-se o pensamento de Jatahy Pesavento cuja discussão permite utilizar o periódico como fonte de pesquisa historiográfica, pelo viés da História Cultural que reconhece as mais diversas fontes como registro do passado das relações humanas. Os resultados da pesquisa apontaram que houve em Alagoas uma tentativa de renovação pedagógica utilizando os conceitos montessorianos, porém tal renovação foi restrita a alguns grupos escolares, sendo justificado pela falta de preparação dos docentes e falta de recursos materiais exigidos pelo método da Médica Maria Montessori.

Palavras – chave: Educação infantil - Maria Montessori - Métodos de Ensino – Revista de Ensino - Alagoas.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue investigar las contribuciones del método de María Montessori a la educación de Alagoas, en el período 1928 - 1930, circulado en la Revista de Ensino de Alagoas para señalar sus alcances y límites en la Historia de la Educación de Alagoas. La pedagogía montessoriana surgió como respuesta a un intento de transformar la educación, sus métodos innovadores en la forma de educar al niño encandilaron a los maestros reformistas que buscaban una metodología capaz de responder a las demandas de la sociedad que se configuró a principios del siglo XX. En cuanto a las fuentes consultadas, hay artículos de la Revista de Ensino publicados entre los años 1928-1930 por maestros alagoanos: Craveiro Costa, Mercedes Dantas, M. de Paew, José Ribeiro Escobar, Maria Rosalia de Ambrozzio. El estudio cortó este período por el contexto del periódico alagoano que muestra más regularmente la metodología Montessori, debido a la difusión de experiencias, sobre todo, de la profesora alagoana Maria Rosália Ambrozzio que se dedicó a utilizar las ideas de Montessori en su aula y compartirlas. en ese diario.

Como referentes teóricos se encuentran textos de Bárbara Hungria Dias Pires, Prácticas pedagógicas Montessori: potencialidades y desafíos (2018); Simone Ballmann de Campos, La institucionalización del método Montessori en el campo educativo brasileño (1914-1952) (2017), Regina Brito Mota dos Santos, infancia en la Revista de Ensino em Alagoas (1927 - 1931) en contrapunto con Walter Benjamin (2017); Iane Campos Martins, Los escritos educativos de João Craveiro Costa y la Escuela Nueva en Alagoas en las décadas de 1920 a 1930: Interrelación entre ideas y prácticas (2014); Demerval Saviani, Escuela y Democracia: teorías de la educación, curvatura del palo , once Tesis sobre Educación y Política (1999) Saviani nos ayudó particularmente en la elaboración de contrapuntos en relación a las influencias de la Escola Nova en Brasil, que incluía la pedagogía Montessori.

Como base teórico-metodológica se encuentra el pensamiento de Jatahy Pesavento cuya discusión permite utilizar la revista como fuente de investigación historiográfica, a través de la Historia Cultural que reconoce las más diversas fuentes como registro del pasado de las relaciones humanas. Los resultados de la investigación mostraron que en Alagoas hubo un intento de renovación pedagógica utilizando conceptos Montessori, pero tal renovación se restringió a algunos grupos escolares, justificándose por la falta de preparación de los profesores y la falta de recursos materiales requeridos por el método de la Doctora María Montessori.

Palabras clave: Educación Infantil - Maria Montessori - Métodos de Enseñanza – Revista Enseñanza - Alagoas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Grupo Escolar Diégues Júnior (1924).....	41
Imagem 2: Crianças do Grupo Diégues Junior uniformizadas (1924)	42
Imagem 3: Escola Modelo D. Pedro II	43
Imagem 4: Classe pré-escolar do Grupo Diegues Junior	44

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
2- MARIA MONTESSORI A MÉDICA EDUCADORA.....	19
2.1 Vida e obra de Maria Montessori.....	19
2.2 Ambiente: um espaço formador na pedagogia montessoriana	22
2.3 O método montessoriano no contexto de renovação pedagógica.....	25
3- AS CONDIÇÕES DA ESCOLA ALAGOANA, A RENOVAÇÃO DO ENSINO E AS IDEIAS PEDAGÓGICAS DE MARIA MONTESSORI.....	30
3.1 As repercussões do método montessoriano na <i>Revista de Ensino</i> de Alagoas.....	30
3.2 Grupos Escolares Diegues Junior e D. Pedro II.....	40
Considerações finais.....	46
Referências.....	48

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho provém do interesse em buscar compreender as contribuições do método de Maria Montessori para a escolarização infantil de Alagoas entre os anos de 1928-1930. A escolha desse recorte temporal é justificada pelo uso do periódico alagoano a *Revista de Ensino* como fonte de pesquisa, pois é no período em que evidencia maior regularidade a metodologia montessoriana, em virtude da divulgação das experiências da professora alagoana Maria Rosália Ambrozzio, que se dedicou a utilizar as ideias de Montessori em sua sala de aula e compartilhá-la no referido periódico. O período abordado também foi marcado pelo movimento de renovação escolar no Brasil, mais tarde intitulado Escola Nova¹. Apesar de Montessori não ter sido precursora da Escola Nova em suas obras havia às inovações que almejaram os reformadores brasileiros, sobretudo na educação da criança pequena. A educadora italiana compreendia que a criança tem sensibilidade, é um ser pensante capaz de organizar seu próprio espaço. Tal entendimento foi primordial para esse novo modelo de escola, que entendia a criança como ser não esvaziado no qual o adulto imprimiria seus modelos sociais.

Dessa forma Maria Montessori se torna referência nacional, tendo em vista que sua pedagogia é noticiada pela *Revista de Ensino* do estado de Alagoas como a inovação para escola primária; propõe metodologia de ensino na qual a criança em conjunto com os materiais preparados para sua aprendizagem poderia auto educar-se, porém essa autoeducação era acompanhada de um exercício de coerção sobre a criança até a incorporação de regras de convivência social.

Como mencionado, a *Revista de Ensino* publicada em Alagoas, entre os anos de 1928-1930, foi a fonte central de pesquisa utilizada nesta investigação. No período a escolarização passava por modificações, não apenas dos conteúdos, mas da maneira de compreender a criança que se pretendia formar para assumir as demandas socialmente exigidas.

Segundo Santos (2017) a necessidade de escolarização infantil mobilizou a criação de políticas educacionais. No referido contexto, Maria Montessori apresentava metodologias e

¹ Um movimento que defendia a educação ativista, a partir da renovação da pesquisa pedagógica, na busca teórica dos fundamentos filosóficos e científicos de uma prática educativa mais eficaz. Ao lado de uma atenção especial na formação do cidadão em uma sociedade democrática e plural – que estimulava o processo de socialização da criança havia o empenho em desenvolver a individualidade, a autonomia, o que só seria possível em uma escola não autoritária que permitisse ao educando aprender por si mesmo e aprender fazendo. (ARANHA, 2006, p. 455).

propostas necessárias para colaborar com o movimento de inovação escolar que pretendia a República brasileira. Assim, a obra de Maria Montessori *Pedagogia Científica*, cujo conteúdo tratava de suas experiências como educadora na Itália, começa a circular nos periódicos nacionais com intuito de instruir professores a conhecer e adotar suas orientações para a infância.

Em Alagoas, a *Revista de Ensino* serviu como grande veículo de divulgação da pedagogia montessoriana, sobretudo por ser um periódico publicado pela Diretoria de Instrução de Alagoas, ou seja, era uma revista de perfil oficial. Criada em 1891² pelo *Pedagogium Alagoano* com o título de *Revista do Ensino*, ela passou vários anos desativada, e foi retomada em 1925 (MARTINS, 2014). O periódico com publicação bimensal circulava as principais preposições de escolarização da Diretoria da Instrução Pública: leis, decretos, avisos, teorias e métodos que interessavam a política oficial do governo alagoano. Os artigos publicados eram de vários intelectuais brasileiros, dentre os quais constavam: Craveiro Costa, Mercedes Dantas, Helena Barros, Renato Kehl, Olavo Bilac, Dias Martins, Miguel Couto, Maria R. Campos, Venerando da Graça, M. de Poew, José Ribeiro Escobar, José D. Calderaro.

Neste trabalho destacamos o exemplar da *Revista de Ensino* do ano de 1929, por conter maior divulgação de materiais explícitos da pedagogia montessoriana na escolarização alagoana.

O interesse em estudar Maria Montessori surgiu a partir de um seminário acerca da obra de Montessori *Pedagogia Científica* (1909), apresentada no Curso de Pedagogia na disciplina de Fundamentos Históricos da Educação e da Pedagogia. Tal atividade possibilitou o conhecimento da vida e das orientações pedagógicas da educadora italiana, somada a tal experiência, eu trabalhava como auxiliar de sala em uma turma de educação infantil de Maceió. Apesar do estabelecimento de ensino não seguir à risca todos os conteúdos programados pela autora, percebi que em algumas instalações do prédio, houve o cuidado de respeitar a faixa etária das crianças.

Além disso, a professora responsável pela turma dos alunos entre 02 a 04 anos trabalhava algumas orientações presentes na obra *Pedagogia Científica*, como: andar por cima de uma linha desenhada no chão para desenvolver a coordenação motora, encaixes

² A *Revista de Ensino* foi criada pelos governos republicanos em diversos estados brasileiros. Em Alagoas o primeiro registro foi no ano de 1891, porém não houve um seguimento regular nas publicações, podendo ser dividido em três momentos de 1891-1892 / 1921- 1931 / 1952. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/175013/recent-submissions>>. Acesso em 4 de agosto 2021.

planos de formas geométricas e o ábaco para a contagem dos números. A partir dessa experiência fiquei bastante entusiasmada com a pedagogia montessoriana, tendo em vista que a autora conseguiu unir teoria e prática nos exercícios propostos para crianças respeitando a faixa etária.

A participação no *Grupo de Estudos e Pesquisas de História da Educação Cultura e Literatura* (GEPHECL) foi essencial para aproximação da fonte periódica, pois foi através do grupo de pesquisa que obtive conhecimento da *Revista de Ensino*, a qual será fundamental para entendermos a contribuição do método de Montessori nas escolas alagoanas no período abordado. Ademais, o grupo proporcionou olhar para o passado com a perspectiva de encontrar na fonte periódica um meio de aproximar passado-presente.

Investigar impressos pedagógicos requer do pesquisador um distanciamento crítico entre o que é publicado e o contexto histórico educacional no qual eles circulam, isto é necessário ser feito para que o pesquisador levante uma série de questionamentos recorrente do que é posto no impresso pedagógico, particularmente quando carrega um vínculo oficial. A criticidade é crucial para que se construa uma história da educação comprometida com a História da Educação que submeta as publicações a confrontos entre o que é divulgado e o contexto histórico educacional mais amplo. Para tanto serve o cruzamento com outros periódicos do período e as publicações atuais de pesquisadores sobre a temática. Como toda fonte historiográfica trata-se de um testemunho importante. Toledo e Skalinski Júnior (2012) realçam a relevância do periódico como fonte de pesquisa para a História da Educação:

A possibilidade de se apreender pela via da imprensa as lutas sociais da época, e a compreensão de que a imprensa não apenas registrou os fatos, mas, inclusive, pode ter participado ativamente dos debates e das definições políticas, valoriza sobremaneira a fonte. (TOLEDO; SKALINSKI JÚNIOR, 2012 p. 264).

A diversidade de debates circulados nos periódicos os torna ricos de informação, mas não estão isentos de interesses, principalmente quando o impresso divulga exclusivamente as políticas públicas oficiais. No caso da *Revista de Ensino* interessava a divulgação da Pedagogia de Montessori. No exemplar que circulou em 1928 março-abril Renato de Alencar publicou *Antagonias da didactica na unilateralidade do ensino*, no qual debate o uso da pedagogia da educadora italiana nas escolas rurais. Segundo o autor isso resultaria em conflito entre a escola e a família, pois a família rural não recebeu a mesma instrução da família urbana e não compreenderia os propósitos do método. No mesmo impresso estão os

artigos da professora alagoana Maria Rosalia Ambrozzio sobre a metodologia montessoriana onde relata experiências de aulas pautadas nas orientações da médica italiana.

Os autores que ajudaram no debate sobre a pedagogia montessoriana foram Bárbara Hungria Dias Pires, *Práticas pedagógicas montessorianas: potencialidades e desafios* (2018), Simone Ballmann de Campos, *A institucionalização do método montessoriano no campo educacional brasileiro (1914- 1952)* (2017), Iane Campos Martins, *Os escritos educacionais de João Craveiro Costa e a Escola Nova em Alagoas nas décadas de 1920 a 1930: Interrelação entre ideias e práticas* (2014), Regina Brito Mota dos Santos, *a infância na Revista de Ensino em Alagoas (1927 - 1931) em contraponto com Walter Benjamin* (2017). Dermeval Saviani, *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política* (1999). Particularmente Saviani nos ajudou na elaboração de contrapontos em relação às influências da Escola Nova no Brasil, nas quais se incluía a pedagogia de Montessori.

Pires (2018) discorre sobre a relação entre teoria e prática das escolas que desenvolveram o método montessoriano em seu currículo. A autora acentua as dificuldades em desenvolver uma pedagogia baseada nos conceitos do referido método, tendo em vista que para desenvolvê-lo requer um conjunto de demandas que deveriam ser atendidas para que ocorresse aprendizagem como almejava o método. Em Campos (2017) a busca por situar a pedagogia da médica italiana no Brasil se torna o centro da discussão do seu trabalho. A historiadora faz um recorte temporal das cinco primeiras décadas do século passado, com o objetivo de entender a origem do método de Montessori no Brasil, assim como apontar as permanências e contribuições para a escolarização brasileira e problematizar a sua forma de apropriação na Educação Infantil e Ensino Primário. As escolas primárias no período em foco eram classificadas em infantis e fundamentais; em Alagoas a infantil denominada Jardim da Infância tinha um curso de dois anos com crianças maiores que cinco anos e menores de sete anos, no ensino fundamental compete à duração de três a quatro anos sendo crianças menores que sete anos até doze anos para meninas e catorze anos para meninos.

Martins (2014) e Santos (2017) não expõem a pedagogia montessoriana como eixo central do seu trabalho, porém realizam um levantamento historiográfico da escolarização alagoana nas décadas de 1920 a 1930. As contribuições das autoras serão de grande relevância para o desenvolvimento da escrita deste texto, tendo em vista que retrata o estado de Alagoas no início do século XX e os embates para se configurar a educação da criança como um processo significativo da infância.

Saviani (1999) trará um debate que confronta com certo idealismo do novo modelo educacional a partir dos anos de 1920. Embora não trate de Maria Montessori, o seu texto ajuda a olhar as aproximações e os distanciamentos da pedagogia montessoriana para o movimento da Escola Nova no período abordado.

A discussão sobre as contribuições de Maria Montessori nos levou a pesquisa documental com fontes periódicas, tendo em vista que essa modalidade de pesquisa nos permite utilizar como fonte impressos pedagógicos, revistas, fotografias, jornais, almanaques. A utilização deste método de pesquisa possibilita a criação de um vínculo entre o discurso científico e a realidade apresentada nos documentos não oficiais, tendo por base a História Cultural, pois segundo Jatahy Pesavento (2008) a História Cultural está em busca das representações passadas, com um olhar minucioso da história, entendendo que em cada época o homem interpreta e recria o mundo. Com isso é possível abarcar os aspectos sociais, políticos e econômicos que atravessaram o estado de Alagoas neste período proposto para pesquisa. Nos escritos de Pesavento, a historiadora discorre sobre essa maneira de fazer pesquisa a partir dos anos de 1990, utilizando por base o historiador Carlo Ginzburg³ principal referência da História Cultural indicando que o historiador equivale a um detetive, pois busca de vestígios do passado, depois realiza a grade de cruzamentos onde os “cacos” da história formam uma rede de correspondências e se apresentam como sinais de uma época.

Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo. [...] Sem dúvida, o historiador se apoia em textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significados para resolver os problemas que se coloca para resolver. Mas é preciso ir de um texto a outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador. (PESAVENTO, 2008, p. 65)

A referida historiadora argumenta que a história que se ocupa de pequenos vestígios vai compondo uma nova história política, educacional, social, cultural, a partir da literatura, das imagens, dos impressos. Assim se forma novas identidades, histórias e memórias dos sujeitos do passado. Porém o pesquisador, apesar da multiplicidade de recursos, deverá ter cuidado ao propor estudar algo ou alguém, pois não se pode reduzir a pesquisa ao sujeito sem

³ Carlo Ginzburg é historiador, antropólogo e professor, participou junto com outros historiadores italianos da renovação do fazer história. Sendo um dos pioneiros a estudar a micro história, contribuindo com isso para a fundamentação da História Cultural. Disponível em: <https://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/Hist%C3%B3ria%20e%20cultura_Conversa%20com%20Ginzburg.pdf>. Acesso em novembro de 2020.

observar o contexto no qual as fontes foram produzidas, não se pode tomar o real como transparente, ou seja, aquilo que foi apresentado está submetido a outros fatores que de alguma forma irão influenciar o rumo da história. Em tal perspectiva o historiador deve ter uma ampla bagagem cultural de formação, capaz de se mover entre passado e presente e vice-versa.

Dessa maneira, Santos aborda (2017 p. 23), que cabe ao historiador ser astucioso para trabalhar com os fragmentos, pois precisará saber sair deles. Isso significa dizer que ao analisar os discursos expressos no periódico não representa um micro isolado, mas sim uma parte da história, que precisará ser ampliado e lida pelo filtro teórico. No nosso caso com o que sustentou a renovação pedagógica pelo método montessoriano, pelo contexto histórico que alimentou tal método de ensino como a oportunidade de progresso para a escola primária.

Portanto apresentadas estas observações iniciais, ressalto a relevância deste estudo para contribuição da História da Educação, em particular de Alagoas, uma vez que os métodos desenvolvidos por Montessori foram essenciais para a criação do primeiro Jardim Infantil da capital alagoana e do ensino primário nas décadas de vinte e trinta. Sob a orientação da professora Maria Rosália Ambrozio, a pedagogia montessoriana foi ganhando visibilidade na escolarização local, sendo aceita como a melhor maneira de educar as crianças. De acordo com a *Revista de Ensino* de Alagoas (1928), o material didático utilizado como norteador das ações dos docentes e alunos foi a obra *Pedagogia Científica* de Maria Montessori. A obra foi amplamente divulgada nas páginas do periódico sendo noticiados trechos do livro traduzidos do espanhol em especial para o periódico alagoano.

A pedagogia de Montessori consiste no olhar diferenciado para a criança, entendendo que nesta fase da vida é que se conhece socialmente o homem, por isso Paschoal e Machado (2019) afirmam a que primeira infância é o período fértil no qual as potencialidades se desenvolvem rapidamente sendo necessário um reconhecimento das particularidades da infância, pontuando que a pedagogia montessoriana se desenvolve na relação entre a criança e o ambiente.

O contexto educacional do estado de Alagoas e a pedagogia de Maria Montessori, que circundam as escolas primárias e o jardim infantil, merecem ser analisados para que se entenda a relevância da aplicação em sala de aula da renovação escolar que propunha o período vigente. Em 1930 na *Revista de Ensino*, Bernardes Junior redigiu o artigo *As idéas novas da instrução*. No texto é possível situar o tipo de escola que se pretendia em Alagoas e o esforço de alguns professores para que acontecesse uma renovação escolar ou talvez ajustes do ensino a uma nova ordem social.

Quando toda essa brilhante mocidade que tem cursado a Escola Normal nos últimos anos espalhar-se por todo o Estado, distribuindo, de povoado em povoado, de vila em vila e de cidade em cidade o pão bento da instrução primaria, operar-se -á, certamente, uma reforma geral dos nossos methodos educativos, annullando-se certas falhas que por ahi existem. (BERNARDES JUNIOR, 1930, p. 31)

Os discursos trazidos nos impressos pedagógicos alagoanos nos quais a escola caminhava rumo as “grandes mudanças” são contraditórios, pois quando a educadora Mercedes Dantas⁴, designada pelo governo brasileiro para visitar escolas do Norte⁵ no intuito da difusão de renovação pedagógica, chega em Alagoas tem uma reação adversa sobre o otimismo pedagógico que circulava nas publicações. Mercedes afirma que:

A instrução publica, o problema da instrução publica, não é ainda a primeira preocupação dos governos. Tudo se faz como por exemplo, estradas de rodagem Alagoas possui das melhores, mas o ensino popular continua a guiar-se pelos velhíssimos methodos e processos antiquados de memorização. A escola publica insulada da vida social e da família mobiliando os cérebros infantis de noções e ideias incompletas e inúteis as mais das vezes (JORNAL DO BRASIL (RJ) apud AMARAL, 2019, p.156)

De acordo com Craveiro Costa (1931 p. 26), em 1928, ocorreu em Alagoas uma sub-reforma escolar com intuito de tratar os problemas pedagógicos, que por longas décadas cercava a escolarização alagoana. O autor destaca o nome de Diegues Júnior como o responsável por organizar os grupos escolares e trazer para o ensino primário os princípios da Escola Nova, e retirar da obscuridade o ensino primário marcado por retrocessos. Diante disso, Santos (2017, p. 18) explica o que essas duas teorias aparentemente antagônicas priorizavam na educação dos sujeitos.

No caso da tendência tradicional burguesa de educação, esta formação aparecia de modo mais, repressivo, com castigos corporais e extremo autoritarismo por parte do professor, enquanto que na escola ativa, esta formação chegava a criança de modo mais sutil, já que lhe era dada uma centralidade nos processos de ensino. Cabe lembrar que na Escola Nova esta centralidade se justificava pela pretensão direcionar a tendência operante da criança para a formação do trabalhador ativo e produtivo.

A tentativa de inovação nos modelos educacionais é resultado da necessidade da consolidação do regime republicano, pois pretendia se distinguir do regime passado, diante

⁴ Mercedes Dantas nasceu em Vila Rica Bom Jesus no estado de Bahia. O desempenho da professora fez com que seu nome fosse cotado para a viagem pedagógica do norte, levando os princípios de renovação escolar instituído por Fernando de Azevedo. (AMARAL, 2019, p. 60- 163)

⁵ Os estados do norte em 1930 não correspondem a divisão regional atual, mas partes das regiões norte-nordeste um total de 11 estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo. (AMARAL, 2019, p. 18)

disso os grupos escolares desempenharam um papel importante para a educação primária, pois como destaca Ermel e Bencostta (2019) eles eram responsáveis por programar um novo modelo pedagógico e higienista, seguindo as tendências internacionais de uma nova concepção de escola primária.

Em Alagoas Humberto Bastos⁶ (1939) retrata um pequeno panorama da escola primária do estado, e afirma que as pequenas mudanças começaram a ocorrer mais precisamente em 1926 quando surgiram mais escolas primárias, no total de 371 escolas e os números de matrículas eram de 29.248 crianças; grupos escolares também foram criados no interior de Alagoas. Essa tentativa de melhoramento da Instrução Pública de Alagoas foi resultado de um grupo de professores e auxiliares que queriam trabalhar, porém Bastos (1939) afirma que eles estavam presos a uma burocracia prejudicial. Essa afirmativa nos leva a concordar com o que fala Amaral (2019), qual seja, o comodismo dos representantes políticos em implantar novos modelos educacionais prejudicava as mudanças que o cenário nacional exigia, pois era mais viável investir em algo visível como estradas e rodagens, do que na formação escolar, de pouca visibilidade, e os resultados demoram a aparecer. Quando se falava em escola objetivava-se apenas ter destaque social e ascensão a cargos políticos.

O Grupo Escolar Diegues Júnior sediado em Maceió implantou práticas de ensino que se destacaram por conter as inovações pedagógicas que se pretendia ter naquele período. Costa (1931 p. 61) afirma que em 1923 quando o Grupo Escolar era liderado por ele foi criado o Jardim da infância no qual a criança iniciava a educação pré-escolar, com quatro anos de idade e tinha a duração de dois anos. O autor salienta que em todo o estado havia apenas quatro jardins de infância, sendo três na capital e um no interior. Estes jardins de infância eram filiados aos grupos escolares, e seguiam rigorosamente os processos educativos de Montessori e Decroly, ambos os autores buscavam uma educação onde fosse respeitada a individualidade da criança pelos objetos ou atitudes que estimulassem a independência e autonomia do sujeito.

Entender a importância da pedagogia montessoriana para educação alagoana consiste em realizar um estudo minucioso, a fim de compreender como o movimento de renovação da

⁶ Humberto Basto, alagoano nascido em Maceió 1914, foi advogado e jornalista interessado inicialmente em crítica literária e ficção e depois nos estudos econômicos e sociais, foi repórter da Gazeta de Alagoas 1934-1937 e também professor de matemática na escola normal de Viçosa em 1937. DIAS, Danielle. Humberto de Oliveira Rodrigues Bastos. Disponível em: <<http://www.cedu.ufal.br/grupopesquisa/gephec/livros-fragmentos/>> Acesso em: 02 de jan 2022

Escola Nova ocorreu em Alagoas⁷, compreendendo que o discurso de renovação pedagógica pertence a uma conjuntura maior.

Diante dessas considerações iniciais, esta pesquisa partiu da seguinte problemática: Quais as contribuições da pedagogia de Montessori para as escolas primárias do estado de Alagoas? Para tanto se analisa a obra *Pedagogia Científica* juntamente com as publicações da *Revista de Ensino* de Alagoas, com a intenção de compreender a aplicação do método, problematizando a criança que se pretendia educar nas primeiras décadas do século XX.

A primeira parte introdutória dessa monografia consistiu em apresentar o que motivou a escolha do tema, autores que discutiram sobre a temática, trazendo trabalhos de teóricos que possibilitaram a realização da pesquisa, intensificando a relevância desse estudo para a História da Educação de Alagoas.

A segunda parte traz uma breve biografia de Maria Montessori. No primeiro subtópico: “Vida e obra de Maria Montessori”, aponta os primeiros passos da Médica no contexto pedagógico, trazendo o que motivou Montessori a escolher a área da educação e seus conhecimentos desenvolvidos para exercer uma pedagogia que valoriza a independência da criança, baseada na obra *Pedagogia Científica*. No subtópico 2.2 “Ambiente: Um espaço formador na pedagogia montessoriana” discute a preparação do ambiente através de materiais concretos para desenvolver coordenação motora, conceitos matemáticos e linguísticos, assim como as adaptações dos móveis de acordo com a faixa etária da criança para promover autonomia ao se locomover pela sala e destreza ao realizar as atividades. No subtópico 2.3 “O método montessoriano no contexto de renovação pedagógica” conduz uma discussão sobre a teoria do método montessoriano embasado na perspectiva da Escola Nova, pontuando o que existe de semelhante e o que difere nos dois conceitos pedagógicos.

A terceira e última parte – “Influência do método montessoriano no ensino alagoano” apresenta algumas passagens da obra da autora nas fontes selecionadas para a pesquisa, a fim de tornar conhecidos seus anseios para a formação da criança. No primeiro subtópico “As repercussões do método montessoriano na *Revista de Ensino* de Alagoas” nos anos de 1928-1930 é discutido acerca do programa para a educação primária que servirá de base para entendermos o processo de renovação da educação que percorria o estado. Também são

⁷ Vale ressaltar também que os métodos montessoriano ainda são utilizados no estado, sobretudo na capital em Maceió, pois as Orientações Curriculares para a educação infantil da rede municipal traz Montessori como uma das principais influenciadoras para o ensino infantil. Apesar das Orientações Curriculares teoricamente estar fundamentada na filosofia de Jean Piaget e John Dewey, foi resultado da tradição da educação infantil, onde se encontra os autores Froebel e Maria Montessori. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES. 2015 p. 42).

apresentadas propostas pedagógicas da professora Maria Rosália Ambrozzio que dedicou parte da sua carreira para difundir o método montessoriano em Alagoas. Mediante os recursos sugeridos por Montessori foi percebida a necessidade de aprofundar a investigação para averiguar se as escolas alagoanas seguiam as adaptações necessárias do ambiente, então dediquei o subtópico 3.2 “Grupos Escolares Diégues Junior e D. Pedro II” para esta discussão. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

MARIA MONTESSORI, A MÉDICA EDUCADORA

2.1 Vida e obra de Maria Montessori

Maria Montessori, filha única de seus pais, nascida em 1870 na Itália tem a sua trajetória marcada por quebras de paradigmas desde sua formação. Suas escolhas em áreas de estudo já evidenciavam que Montessori não se encaixava na figura feminina que a sociedade estabeleceu, pois a formação feminina como destaca Muller (2007) estava associada ao ideal em que a mulher representava o coração, ou seja, não havia espaço para ela na área da razão como poderia ser nos estudos científicos ou na atuação política, a mulher deveria ser educada para administrar o lar ou no máximo poderia ensinar crianças pequenas. A princípio quando cursou o ensino secundário Montessori teve seu interesse voltado nas ciências exatas, o que posteriormente resultou na escolha do curso de engenharia, concluiu com êxito o curso, porém não seguiu carreira. Em 1893 ingressou na faculdade de Roma no Curso de Medicina, segundo Pires (2018) graduar-se em medicina foi um ato de ousadia e determinação, pois enfrentou o machismo acadêmico e científico. Em 1896 torna-se a primeira mulher a se formar em medicina na Itália.

No curso de medicina se especializou em neuropatologia, seguidamente estagiou na Universidade de Roma entre os anos de 1898 a 1900 sendo responsável por observar e instruir um grupo de jovens com retardo mental. Através desta experiência Montessori passou a observar que o desejo de brincar desses jovens ainda permanecia íntegro e que os problemas que estas crianças apresentavam eram mais de ordem pedagógica do que médica.

Partindo do pressuposto que as crianças excepcionais precisavam de uma educação que atendesse suas necessidades Montessori dedica-se a conhecer mais sobre o referido assunto e se matricula na universidade de filosofia. Neste período Montessori dedicou-se a estudar os trabalhos pedagógicos do Jean Itard um médico francês que desenvolveu trabalhos voltados a educação de surdos e mudos. Durante oito anos Jean Itard dedicou-se a um jovem encontrado nas florestas do sul da França este ficou conhecido como o Selvagem de Aveyron, o mesmo precisava ser educado para se integrar à sociedade novamente, então Itard tentou através de estimulantes desenvolver o tato, o olfato, a visão e o paladar. Este processo realizado por Itard resultou nos primeiros passos da pedagogia experimental, porém quem apresenta um

verdadeiro sistema educativo para crianças deficientes é Edouard Séguin, como afirma Montessori na obra *Pedagogia Científica*. (MONTESSORI, 1969, P. 29).

Edouard Séguin discípulo de Itard desenvolveu um método que trazia em seu conceito principal, segundo Rosa (2012), a contestação que toda a criança é capaz de aprender, partindo desse pensamento elabora seu método considerando as atividades que envolvessem a educação do sistema muscular, do sistema nervoso e dos sentidos. Montessori desenvolveu um interesse particular sobre o estudo de Edouard Séguin, sobretudo sobre a sua obra *Idiocy and its treatment*, cuja edição não foi de fácil acesso, Montessori (1969 p. 35) relata que a dificuldade de localizar essa obra fez com que ela escrevesse a mão cerca de 600 páginas em italiano. É nesta obra que Séguin afirma que o método cujos processos educativos analisavam os fenômenos fisiológicos e psíquicos deveria ser aplicado também em crianças normais.

Mediante a este contato inicial com estes autores e seus interesses à educação, Montessori adquiriu também conhecimentos de outros teóricos que dedicaram seus estudos para promover uma educação diferenciada do ensino tradicional. Froebel, Pestalozzi, Rousseau foram essenciais para ampliar seus conhecimentos no campo educacional, podendo ser visto alguns vestígios no seu método dos ideais promovidos por esses teóricos. A busca da autora em desenvolver um ensino pedagógico para crianças que atendessem suas necessidades foi noticiada em sua obra *Pedagogia Científica*, publicada em 1909, nela contém a trajetória de Montessori como educadora e suas pretensões para um novo jeito de ensinar e aprender, partindo desde o desenvolvimento biológico e mental da criança aos desenvolvimentos musculares.

A aplicação de Montessori ao ensino de crianças julgadas incapazes nas escolas elementares fez com que o Dr. Guido Baccelli, professor de Montessori e Ministro da Instrução a convidasse para realizar conferências referentes a educação das crianças excepcionais, mais tarde foi fundado com ajuda de uma iniciativa privada um Instituto Pedagógico que recebia todas as crianças com algum tipo de deficiência mental do manicômio de Roma.

Dediquei-me eu mesma ao ensino dessas crianças e orientei as educadoras de crianças excepcionais do nosso instituto. Trabalhava muito mais do que uma professora elementar, ensinando as crianças, ininterruptamente, das 08 às 19 horas. Esses dois anos de prática constituem verdadeiramente o meu primeiro título em pedagogia (MONTESSORI, 1965, p.28).

A experiência de Montessori não se restringia apenas a crianças excepcionais, seu contato com crianças normais ocorreu através de uma nova medida do governo de Roma.

Com o objetivo de retirar as crianças da rua, entendeu-se que era necessário que em cada conjunto residencial tivesse um lugar destinado a elas. Foi então que surgiu a primeira escola a domicílio fundada em 1907 numa casa popular do quarteirão de San Lorenzo em Roma, batizada com o nome *Casa dei Bambini* (casa das Crianças). No mesmo ano são abertas várias outras *Casas dei Bambini* não apenas em quarteirão popular, mas também em conjuntos burgueses.

Montessori passou dois anos responsável pela *Casa dei Bambini*, aplicando os métodos novos que objetivou para a educação da primeira infância, os seus métodos eram baseados nos princípios de liberdade e disciplina, compreensão e respeito. Para registrar e tornar público às atividades realizadas e os resultados dos alunos que frequentavam o estabelecimento, a autora dedicou um capítulo do seu livro *Pedagogia Científica*, com o tema “*A disciplina na casa Dei Bambini*”, neste capítulo narra o trabalho em equipe, o exercício do silêncio, a disciplina e a liberdade.

A obra *Pedagogia Científica* se torna indispensável para a aplicação do método montessoriano, pois nela contém todo o material de apoio necessário para o desenvolvimento da criança. Em *Pedagogia Científica* temos os relatos detalhados de observações realizadas por Montessori, descrições precisas de como deve ser o ambiente em uma classe montessoriana e como deve ser trabalhada a coordenação motora como base para o desenvolvimento da escrita e da aritmética, conjuntamente a música, o desenho e arte. Há ainda na parte mais introdutória da obra a trajetória de vida da autora e os autores que lhe inspiraram para formulação do seu método.

O êxito em seus processos educativos levou Montessori a se tornar idealizadora de uma nova educação, isso fez com que Mussolini, líder de um governo autoritário, desejasse no contexto da Segunda Guerra mundial efetivar nas escolas governamentais o método montessoriano, porém o regime repressor desse governo divergia dos princípios aplicados por Montessori, isso fez com que a autora fosse perseguida por ele e forçada a deixar o país e se exilar na Índia (PIRES, 2018)

Apesar das dificuldades enfrentadas Montessori continuou a expandir o seu método, como pontuou Rohrs (2006, p.11) seus livros foram traduzidos nas principais línguas do mundo, suas conferências claras e estimulantes facilitaram a difusão dos seus ideais. A valorização da infância lhe rendeu a perpetuação do seu método, visto que mesmo sendo criado no século XX ainda existem escolas que utilizam os conhecimentos que a autora idealizou para a educação. De acordo com Pires (2018) em 1996 foi criada a Organização Montessori no Brasil (OMB), sendo responsável de filiar as escolas que trabalham com o método

montessoriano, reunindo professores, coordenadores e diretores que realizam uma vez ao ano um encontro com o objetivo de difundir as ideias da autora. Através de curso de formação, congresso de Montessori no Chile e materiais publicados pela autora, a OMB continua mantendo viva no Brasil a pedagogia montessoriana.

2.2 Ambiente: um espaço formador na pedagogia montessoriana

O ambiente do adulto não é um ambiente de vida para a criança, mas, sobretudo, um acúmulo de obstáculos entre os quais ela desenvolve defesas, adaptações deformadas, onde é vítima de sugestões. (MONTESSORI, 1965. p.42.).

O ambiente, na pedagogia montessoriana, é fundamental para que a criança desenvolva suas habilidades motoras e cognitivas, como destaca Hors (2010) a adequação do ambiente para a necessidade da criança resultaria no seu desenvolvimento externo para o desenvolvimento interno, isso implica dizer que a criança é fruto do ambiente em que está inserido, ou seja, é o ambiente que contribui para a formação do sujeito, na pedagogia montessoriana. E para que isso aconteça da melhor forma possível Montessori destaca detalhadamente como deve sê-lo, desde as instalações da mobília a organização dos recursos didáticos que define os exercícios propostos a partir de cada material.

Frago (1995) afirma que o espaço escolar é carregado de intencionalidade, tendo em vista segundo o autor que o espaço escolar é uma construção social portando ele educa. Em suas constantes observações, Montessori percebeu que sem a preparação do ambiente a independência da criança se torna uma utopia, pois não conseguirá realizar as atividades sozinhas. Segundo destacou Pires (2018, p. 38), o ambiente organizado permite que a criança aprenda por si mesma e se desenvolva. Consequentemente Montessori proporcionou um modelo de sala de aula. Começando pela mobília escolar, estipulou que as cadeiras fossem uma reprodução em miniatura das cadeiras dos adultos, que a pia fosse baixa acessível para as crianças de três e quatro anos, pequenos armários, e mesas leves e muito simples, quadros pendurados baixo na parede com imagens de vida em família, animais, flores ou quadros históricos ou sacros. Sendo assim o ambiente se torna um espaço em que a criança sente-se representada tendo liberdade de acessar os materiais independentemente.

O ambiente idealizado por Montessori procura assegurar a formação da criança para o desenvolvimento de uma vida prática, por isso os objetos expostos tinham um fim determinado: “Certos quadros ensinam a abotoar, dar laços, fazer nós, etc.; lavabos para as

mãos; panos para limpar o pavimento: vassouras e espanadores para tirar pó; escovas várias para limpar os sapatos ou os vestidos.” (MONTESSORI, 1965, p.58)

Contudo não eram apenas os objetos da vida prática que ficavam disponíveis para as crianças, havia também os “materiais de desenvolvimento”, de acordo com Pires (2018, p. 39) consistia em materiais concretos que desenvolvessem os sentidos, o ensino do alfabeto, números, escrita, leitura e aritmética. Também explica que estes materiais estavam organizados no ambiente do mais fácil para o mais difícil, de cima para baixo e da esquerda para a direita.

O rico e abundante material de Montessori, segundo Aranha (2012, p. 457) possibilitou que a criança tivesse domínio do corpo e percepção das coisas, a exemplo disso trazemos a “LINHA” muito utilizada nas classes montessorianas. A linha desenhada no chão em forma de uma longa elipse proporciona à criança o equilíbrio no andar. Costa (2001, p 312) afirma que para execução dessa atividade é preciso um planejamento prévio, pois a atividade é seguida de vários comandos a fim de estimular a criança a superar cada dificuldade. Primeiramente a criança caminha colocando a ponta e o calcanhar sobre a linha, depois o pé que vai a frente deverá tocar com o calcanhar a ponta do pé que ficou atrás, o exercício pode ser incrementado incluindo as mãos e braços, as crianças poderão levar consigo uma bandeira com a condição de percorrer o trajeto da linha com o braço erguido, sua atenção agora está sobre os pés que caminham e no braço que sustenta, outro exercício que requer ainda mais atenção da criança é carregar na posição vertical um sininho enquanto realiza o trajeto, este sino não poderá fazer nenhum ruído. “A esta altura, terá nascido no íntimo da criança um vivo interesse por superar mais e mais as dificuldades, com alegria se entregam a essas ginásticas divertidas que as irão tornando cada vez mais senhoras dos seus movimentos.” (MONTESSORI, 1965, p. 90).

Montessori demonstrou um interesse ímpar pelo estudo da matemática, ingressando como primeira opção em um curso de Engenharia, contudo é possível perceber que a autora se preocupou em ensinar a criança os conceitos matemáticos utilizando um vasto material concreto produzido pela mesma. (PIRES, 2018, p. 31). Esses materiais ficavam disponíveis no ambiente da sala de aula, pois fazem parte da metodologia montessoriana. De acordo com Ribeiro e Carneiro (2019, p. 2) Montessori buscou a alfabetização matemática por meio do desenvolvimento da criança na capacidade de pensar e resolver problemas, desenvolvendo com isso a racionalidade infantil. Na obra *Pedagogia Científica* 1965 (p.244) Montessori escreveu “Ensino da numeração e iniciação à aritmética”, no capítulo são fornecidas várias possibilidades de aprender a matemática usando materiais concretos, a exemplo disso temos

os algarismos móveis, que consistiam em pequenos cartões em que eram colados os algarismos recortados em lixa, a criança aprendia a escrita e também a associação de quantidades.

O material do sistema decimal elaborado por Montessori foi uma grande conquista para educação matemática, pois conseguiu materializar o que era ensinado de forma abstrata nas escolas tradicionais. Como pontuou Silva (2014, p. 50-52) eram utilizadas pequenas pérolas coloridas para representar a quantidade, quando estavam ligadas a um arame podiam representar centenas, dezenas e milhar. Este material possibilitava que a criança construísse e compusesse números, com associação a quantidade. A princípio a criança começou a utilizar o material do sistema decimal para resolver pequenos problemas, na sequência passa apenas a desenhar o material, e por fim passa a não precisar mais do material ou de desenhos, isso explica o trajeto de consciência matemática que os alunos das classes montessorianas percorrem, do concreto para o abstrato.

O ensino do alfabeto também faz parte do ambiente idealizado por Montessori. A linguagem, escrita e leitura compõem respectivamente a evolução da criança, pois primeiro a criança domina a língua, aprende a escrever os símbolos gráficos e depois aprende a leitura, assim como o ensino da matemática, a leitura é um conhecimento abstrato. “A leitura faz parte de uma cultura intelectual abstrata: é a interpretação de ideias emitidas por símbolos gráficos, que somente mais tarde serão adquiridos”. (MONTESSORI, 1965, p. 187)

Para o desenvolvimento da escrita, eram disponibilizados cartões com as vogais em vermelho e as consoantes em azuis, a criança tocava as letras e a mestra nomeava foneticamente as consoantes. “A criança que olha, reconhece e toca as letras no sentido da escrita, prepara-se simultaneamente para a leitura e para a escrita” (MONTESSORI, 1965, p. 186). Para o desenvolvimento da leitura, exemplifica-se um jogo em que sobre uma mesa é colocado os mais variados e atraentes brinquedos, a cada um deles corresponde um pequeno bilhete em que está escrito seu nome, são misturados dentro de uma caixa e as crianças que já sabem ler retiram um bilhete e lê-lo mentalmente em seguida pronuncia em voz alta o nome do brinquedo, a mestra confere e se estiver lido corretamente a criança pode pegar o brinquedo e divertir-se como desejar. (MONTESSORI, 1965, p. 217).

Montessori desempenhou um papel de cientista, quando em seus estudos e observações desenvolveu uma pedagogia capaz de unir teoria e prática, através dos recursos que propôs para a aprendizagem da criança, isso fez com que a Médica educadora fosse considerada precursora nos estudos de desenvolvimento infantil e suas potencialidades. Sua

contribuição para a educação da criança resultou em uma renovação pedagógica na maneira de educar e aprender.

2.3 O método montessoriano no contexto de renovação pedagógica

Maria Montessori como já mencionada neste texto foi inovadora em seu método de ensino. Ao trazer aparatos que valorizavam a individualidade da criança, ela se caracterizou como uma precursora do movimento da Escola Nova, porém em algumas passagens da *Pedagogia Científica* (1965) nos leva a questionar se sua pedagogia se articula efetivamente com os conceitos do Movimento da Escola Nova no Brasil em relação ao ensino infantil.

A Escola Nova foi um movimento que surgiu na Europa desde o século XIX. No Brasil alguns elementos já se iniciavam no referido século com os pareceres de Rui Barbosa (1882) e com o período republicano. O ensino das coisas do método intuitivo orientava formar a criança a partir do mundo vivido, observá-lo para aprender, diferentemente da escola tradicional que centrava na memorização e repetição de conteúdos independentes dos contextos vividos. Em 1891 Alagoas fundou a primeira *Revista do Ensino* do estado e nela havia várias publicações em torno do ensino intuitivo. Podemos dizer, portanto, que aquelas ideias seriam um prenúncio da Escola Nova no Brasil, a época nomeada de escola ativa, pois havia uma crença absoluta na mudança dos métodos de ensino para modificar a situação de fracasso do aluno.

De acordo com Mesquita (2010) tal movimento de renovação foi uma grande reviravolta no pensamento educacional, pois mudou a perspectiva de ensinar. Na escola tradicional o centro era o professor, o livro e o adulto que portava o conhecimento; o aluno era submetido a um currículo extenso que mais causava aflição do que instrução. Toda a experiência que o indivíduo possuía antes de entrar no ambiente escolar era descartada, resultando em uma ruptura entre a experiência e a aprendizagem escolar.

Por esta razão a pedagogia nova surgiu como antagônica a pedagogia tradicional, trazendo em seus conceitos que o centro do processo educacional é o aluno, portanto o currículo é moldado de acordo com as necessidades e interesses dos mesmos. O professor sai de cena para dar lugar a uma escola em que os próprios alunos buscam pelo conhecimento (MESQUITA 2010, p. 66).

No que diz respeito à diferença do movimento da Escola Nova por referência a pedagogia tradicional Saviani (1999, p. 21) exemplifica que:

(...) à pedagogia tradicional tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; -do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, tratasse de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender.

Em vista disso trazemos a contribuição de Maria Montessori para essa nova educação, sendo médica psiquiatra por formação inicial, utilizou-se do conhecimento da psiquiatria para perceber que cada indivíduo é diferente, logo se tornou impossível o mesmo modelo educacional servir para todos. A respeito da questão Saviani (1999, p.20) afirma que houve uma biopsicologização na educação; o aluno que não conseguia aprender passaria por testes de inteligência a fim de constatar alguma anormalidade psíquica. É sobre tal perspectiva que Saviani fará uma crítica à Escola Nova por ela cultivar a formação de um sujeito ativo não necessariamente para benefício do progresso social, mas do sistema de produção que exigia sujeitos ativos para melhor produzir, atentos ao mundo que deveria modificar para ajustá-lo melhor a nova ordem econômica. Portanto a Pedagogia de Montessori estava condicionada a esse modelo em que toda a criança aprende, mas aprende para se tornar no futuro alguém que colabora com tal ordem social, portanto, uma pedagogia que não estabelece a crítica ao sistema de produção no qual a escola se encontra inserida.

A renovação pedagógica submetida à Escola Nova na qual Montessori tinha interesse é contestada por Saviani (1999), o autor a classifica como um ensino voltado para os interesses da ordem social estabelecida, pois a aqueles que viviam do trabalho não se adequariam a tal modelo de formação:

Os pais das crianças pobres têm uma consciência muito clara de que a aprendizagem implica a aquisição de conteúdos mais ricos, têm uma consciência muito clara de que a aquisição desses conteúdos não se dá sem esforço, não se dá de modo espontâneo conseqüentemente, têm uma consciência muito clara de que para se aprender é preciso disciplina e, em função disso eles exigem mesmo dos professores a disciplina. É comum a gente encontrar esta reação nos pais das crianças das classes trabalhadoras; se o meu filho não quer aprender, vocês tem que fazer com que ele queira. E o papel do professor é o de garantir que o conhecimento seja adquirido, às vezes mesmo contra a vontade imediata da criança, que espontaneamente não tem condições de enveredar para a realização dos esforços necessários à aquisição dos conteúdos mais ricos e sem os quais ela não terá vez, não terá chance de participar da sociedade, (SAVIANI, 1999, p.59).

Como ressaltado anteriormente, embora Saviani não tenha se ocupado do método montessoriano, mas nos ajudou a refletir os limites da pedagogia da Escola Nova na qual, de algum modo, Maria Montessori se articulava. Alguns poucos elementos abordados pela educadora italiana se aproximam das teses de Saviani, como por exemplo, o conceito de disciplina na educação infantil. Minimizada pela pedagogia escolanovista, a disciplina na formação da criança era essencial, segundo Montessori. Para que a criança se tornasse independente, por meio dos recursos oferecidos para promover uma autoeducação, era fundamental a internalização de regras de convívio social, regras essas aprendidas pelo exercício da disciplina orientada pela família e pela escola. O conceito de autonomia, para Saviani⁸, supõe-se antes a incorporação de princípios sociais que projetem o humano para uma verdadeira autonomia, que efetivamente se opõe a ordem social para a qual a Escola Nova se destinava. Entretanto, a disciplina pensada por Montessori tinha um propósito restrito as atividades infantis que deveriam ser efetuadas progressivamente sem a ajuda do adulto.

Como discutido, o ambiente pensado para a criança na pedagogia montessoriana é responsável por promover a autonomia do sujeito associando-o ideia de liberdade, como visto o conceito de liberdade em Maria Montessori não está condicionado em realizar tudo que o indivíduo deseja. A liberdade significa independência da criança na realização de atividades sem ajuda de alguém: “Não se poderá ser livre sem ser independente” (MONTESSORI, 1965, P.51), essa liberdade encontra-se pontuada na capacidade de alcançar um objeto, lavar as mãos, alimentar-se, locomover-se sozinha; significa a criança ser independente desde a primeira infância, ser autossuficiente, ou seja, a mestra conduzirá a criança a realizar atividades sem precisar incomodar as outras pessoas.

Quando falamos da “liberdade” da criança pequena, não nos referimos aos atos externos desordenados que as crianças, abandonadas a si mesmas, realizaram como evasão de uma atividade qualquer, mas damos a esta palavra “liberdade” um sentido profundo: **trata-se de “libertar” a criança de obstáculos que impedem o desenvolvimento normal de sua vida.** (MONTESSORI, 1965, p. 57 Grifo nosso)

⁸ Cf. A obra Pedagogia Histórico - Crítica: primeiras aproximações, Saviani (2011) afirma que a liberdade só será atingida quando os atos forem dominados, ou seja, o sujeito internaliza as regras de aprendizagem e será independente para ser criativo na medida em que domina aquele conhecimento. (SAVIANI, 2011, p. 18 -19)

A concepção de liberdade em Montessori pode parecer dicotômica, pois a liberdade está condicionada à disciplina, ou seja, para que a criança a adquira é preciso que ela tenha sido disciplinada a obedecer às ordens imposta pela proposta pedagógica do método.

Escolhiam sozinhas os objetos, arrumavam a escola e, se a professora chegava atrasada, ou saía, deixando-as sozinhas, tudo corria igualmente bem. Era esse o principal motivo de atração para quem as observasse: a ordem e a disciplina estreitamente ligadas à espontaneidade. (MONTESSORI, p. 145.)

A espontaneidade da criança não estava associada à expressão dos seus sentimentos, mas em poder escolher o material que desejava usar. O método aparenta expressar uma falsa liberdade, partindo do pressuposto de que a criança não consegue realizar o que há de mais belo na infância: o poder imaginativo, a abstração. Todo o material é pensado para o fim que se almeja chegar, a exemplo disso temos: letras móveis utilizadas para que a criança aprendesse a copiar, a ler, o ábaco para que aprenda conceitos matemáticos, até mesmo o desenho era questionado e ensinado as formas que deveriam ser feitos.

Fala-se muito em desenho livre, por isso, causa por vezes admiração o fato de eu limitar os desenhos das crianças as figuras geométricas, que elas deverão preencher com lápis de cor e de maneira determinada. (...)

Temos observado que nossas crianças não produzem espontaneamente, na liberdade em que são deixadas, esses desenhos monstruosos que se exibem em exposições, como provas de escolas modernas e avançadas. Pelo contrario, desenham figuras e ornamentos claros e harmoniosos, muito diferentes desses estranhos rabiscos denominados “desenhos livres”. (MONTESSORI, 1965, p. 265).

Esta “imposição de liberdade” faz com o que os conceitos de Montessori sejam repensados quando associados ao movimento da Escola Nova, pois a busca pela disciplina acaba promovendo limitação na expressividade da criança. Aqui residem confrontos de Saviani (1999, p. 22) ao ponderar que a Escola Nova divergia da escola tradicional por apresentar um ambiente alegre, movimentado, barulhento e multicolorido, porém na pedagogia montessoriana esse conceito de barulhento não se aplica, em vista que a busca pelo silêncio na sala de aula era primordial. O silêncio consiste não apenas na suspensão dos ruídos, mas na imobilidade total da criança, a autora defende que o silêncio em suas classes de aula leve a um verdadeiro significado do silêncio, pois a criança fica imóvel sem apresentar nenhum ruído. (MONTESSORI, 1965, p. 140). Porém com esse conceito de silêncio percebe-se uma divergência no entendimento de movimentar-se pelo ambiente, todavia a criança terá que ficar imóvel para permanecer em silêncio.

Sobre a escola como o ambiente disciplinador Graciliano Ramos em *Infância* (1945) recorre à literatura autobiográfica para expressar sua experiência na escola do interior de Alagoas. E nos leva a conjecturar o modelo de escola. O autor retrata que a escola era definida como um martírio, pois entendia que era um local para onde iriam crianças desobedientes.

A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizassem a ameaça. A escola segundo informações dignas de créditos, era um lugar para onde se enviam as crianças rebeldes. (RAMOS, 1945, p. 104)

Diante da exposição de Ramos, notamos a desconfiança da criança para ingressar no ambiente escolar, o receio é fruto do discurso em que a escola era um ambiente disciplinador, por conta dos castigos que eram ali efetuados. O que nos instiga é que Ramos é surpreendido ao chegar à escola, seu conceito é modificado por ter uma professora que não seguia a escola tradicional.

Felizmente D. Maria encerrava uma alma infantil. O mundo dela era o nosso mundo, aí vivia farejando pequenos mistérios nas cartilhas. Tinha dúvidas numerosas, admitia a cooperação dos alunos, e cavaqueiras democráticas animavam a sala. (...) A escola exigia palmatória, mas não consta que o modesto emblema de autoridade e saber haja trazido lágrimas a alguém. D. Maria nunca manejou. Nem sequer recorria às ameaças. Quando se aperreava, erguia o dedinho, uma nota desafinava na voz carinhosa e nós nos alarmávamos. (RAMOS, 1945, p. 104)

A professora que Graciliano rememora não recorria ao método montessoriano ou a Escola Nova para a sua atuação, porém as suas práticas divergiram da proposta de educação ofertada à época, tornando possível um ensino diferenciado do que era acostumado a ver na escola tradicional. Isto nos permite conhecer alguns traços da prática docente fazendo uso da literatura para pontuar um período.

O texto literário lhe vale como porta de entrada as sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam. (PESAVENTO 2008, p. 113).

As contribuições de Montessori para a educação da criança trazem aspectos inovadores como a ordenação do ambiente para a aprendizagem, mas na íntegra da sua pedagogia não se pode afirmar que a autora seguiu todos os ideais que o movimento da Escola Nova no Brasil almejava, pois, o conceito de liberdade que Montessori estabeleceu divergia dos preceitos de liberdade das escolas modernas.

3- AS CONDIÇÕES DA ESCOLA ALAGOANA, A RENOVAÇÃO DO ENSINO E AS IDEIAS PEDAGÓGICAS DE MONTESSORI.

3.1 As repercussões do método montessoriano na *Revista de Ensino de Alagoas*

A representação de Maria Montessori na *Revista de Ensino* alagoana partilha de uma pedagogia ativa em que revolucionaria a maneira de ensinar e aprender. O impresso pedagógico que tinha como objetivo disseminar as tendências pedagógicas que emergiam no período traz artigos em que a contribuição de Montessori para o currículo escolar está presente. Nos textos da professora Maria Rosália Ambrozzio são relatados as suas aulas fundamentadas na pedagogia montessoriana, também há artigos de Maria Montessori que foram traduzidos do espanhol para o português exclusivamente para fazer parte da estruturação da *Revista de Ensino*, além disso o anúncio publicitário da obra “*Pédagogie Scientifique*” encontra-se em todas as publicações entre 1928-1930.

A proposta montessoriana emergiu no Brasil⁹ no início do século XX, com a perspectiva de propor formas alternativas de organizar o currículo da educação primária, eclodiu como a salvação para um ensino que se adequasse às transformações da sociedade. A extensão do método montessoriano no território brasileiro é resultado do período histórico educacional, pois a busca por inovação cercava o período. Com o fim do regime político do Império e início da República houve um propósito de inovar em todos os âmbitos, inclusive o escolar. A este respeito Saviani (2004) faz um recorte sobre a escolarização brasileira destacando os períodos 1890-1931, de acordo com o autor, o conceito de escola como salvadora surge no fim do Brasil- Império:

No final do Império intensificaram-se os debates sobre a questão da instrução pública. A linha geral dos debates apontava na direção da construção de um sistema nacional de ensino. Emergia a tendência a considerar a escola como a

⁹ Mesmo sendo criado no século XIX ainda existem escolas que utilizam os conhecimentos que a autora idealizou para a educação. De acordo com Pires (2018) em 1996 foi criada a Organização Montessori no Brasil (OMB), sendo responsável de filiar as escolas que trabalham com o método montessoriano, reunindo professores, coordenadores e diretores realizam uma vez ao ano um encontro com o objetivo de difundir as ideias da autora. Através de curso de formação, congresso de Montessori no Chile, materiais publicados pela autora, a OMB continua mantendo viva no Brasil a pedagogia montessoriana.

chave para a solução dos demais problemas enfrentados pela sociedade, dando origem á ideia da “escola redentora da humanidade” (p.02).

Ao destacar a abrangência da pedagogia montessoriana no contexto educacional observamos que não se restringiu apenas ao estado de Alagoas, mas de acordo com Campos (2017), vários estados brasileiros e países da América Latina se dedicaram em colocar em prática os conhecimentos passados por ela, esta aceitação é resultado do apelo das políticas públicas nacionais pela proposta da Escola Nova ou pedagogia ativa. A preparação de um sujeito ativo também para produzir e tornar um trabalhador observador, capaz de se ajustar às novas situações da indústria, comércio e agricultura brasileira fez com que a Pedagogia de Montessori fosse ideal para as escolas primárias e jardins de infância. São Paulo foi o primeiro estado a adotar o método em 1915, depois vários outros como Paraná, Bahia e Rio de Janeiro, entre os anos de 1914 – 1952, enfim esses estados promoveram formação para os professores se tornarem aptos nas orientações deixados pela italiana.

É possível afirmar que em Alagoas teve grande receptividade do método montessoriano, considerando as publicações na Revista de Ensino, que evidenciam a discussão do método no âmbito educacional, os exemplares do período disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, dos anos de 1928-1931 apontam a utilização da pedagogia montessoriana para a formação da criança nos anos iniciais.

A primeira notificação encontrada sobre a aplicação da pedagogia montessoriana está na publicação de Renato de Alencar¹⁰ em 1928. O referido autor trata sobre a escola do estado, pontuando críticas à maneira da aplicação do método montessoriano nas escolas rurais. De acordo com Alencar (1928, p. 14), a educação pré-escolar no campo deve divergir da ofertada na cidade. Deveria ser uma educação especial baseada na pedagogia montessoriana, porém não uma aplicação fiel do método, pois segundo o autor, quando comparado campo e cidade existiam discrepâncias na formação familiar:

A paes roceiros seria impossível, dentro de qualquer tempo imaginado pelo mais ameno optimista, conquistar-lhes a confiança sobre a efficiencia, a utilidade do methodo Montessori.

Ora, se nas capitais, com seus grupos escolares e respectivos pavilhões as “casa dei Bambini” são julgados por muita gente bôa, invenção de malucos! Que sucederia no mato... (ALENCAR,1928, p. 14).

¹⁰ Renato de Alencar, professor, lente de pedagogia da Escola Normal de Maceió publica na revista de ensino de AL em março – abril de 1928 “Antagonias da Didactica na Unilateralidade do ensino. Tese apresentada na primeira conferência de educação nacional. (Revista de Ensino 1928, p. 14)

A suposição do autor referente ao modelo de ensino imposto pela pedagogia montessoriana é também uma aversão à Escola Nova, pois para o campo, a escola tradicional seria o melhor método, todavia o discurso de um novo modelo educacional não era compreensível a escolarização da infância, segundo Santos (2017. P. 43), naquele período se resumia em dois princípios básicos: simplicidade, e progressividade. Era simples porque era planejado, em parte, pelos alunos e progressivo porque se pautava por uma busca de ruptura com o passado imperial. Não bastava a criança ser apenas alfabetizada, era necessário formá-la para o futuro de uma nova sociedade.

Outra publicação encontrada na *Revista de Ensino* (1928 p.21) é da professora alagoana Maria Rosalia Ambrozzio (1888-1961). Tal publicação ganha importância entre as demais pelo papel assumido por ela na educação infantil alagoana e, sobretudo pelo engajamento com a pedagogia montessoriana. Formada pela Escola Normal de Maceió, Ambrozzio foi nomeada professora pública do grupo escolar de Pajuçara em 1915. Quando João Craveiro Costa assumiu a direção do Grupo Escolar Diégues Junior, em 1922, Ambrozzio foi convidada para ser professora pré-escolar. Anos mais tarde foi transferida para o Grupo Escolar D. Pedro II, situado na capital alagoana. Segundo o registro do Almanaque de Ensino de 1938 (p.44), Ambrozzio ocupou o cargo de diretora do Jardim Infantil e ministrava aula de admissão para o curso seriado.

De acordo com Martins (2014, p. 110-111), Ambrozzio foi responsável pela introdução da renovação escolar no estado, a dedicação da professora alagoana juntamente com João Craveiro Costa, diretor do Grupo Escolar Diégues Júnior, proporcionou a construção do primeiro Jardim Infantil em 1926. Construído anexo ao grupo D. Pedro II, o “Pavilhão Montessori”, como assim foi nomeado, era organizado de acordo com a faixa etária de cada criança. O primeiro pavilhão foi destinado à criança de 3 a 4 anos, o segundo de 4 a 5, e o terceiro de 5 a 6.

A *Revista de Ensino*, como imprensa oficial, tinha particular interesse em divulgar o trabalho de Ambrozzio como forma de orientar o trabalho de outras docentes, permitindo que suas experiências em sala servissem de inspiração para quem desejasse trabalhar com o método montessoriano. Para isso Ambrozzio publicou no período seis artigos relacionados com a pedagogia montessoriana: *Perceber comparar e classificar sons* (1928); *Animaes domésticos e ferozes* (1928); *Pequena palestra sobre a cultura dos sentidos* (1928); *Uma lição de cores* (1928); *A disciplina da liberdade* (1928), *Em louvor de Maria Montessori* (1929). Ademais, a *Revista de Ensino* publicou quatro capítulos do livro de Maria Montessori

Pedagogia Científica traduzidos do espanhol para o português por M. de Poew¹¹ exclusivamente para compor as páginas do periódico alagoano.

De Maria Ambrozzio, destaca-se *A pequena palestra sobre a cultura dos sentidos*, artigo publicado na *Revista de Ensino* de março-abril/1928 (p.22). Narrando suas próprias vivências em uma sala pré – escolar, a professora alagoana explica a importância de desenvolver os sentidos para educar as crianças pequenas. Com base na pedagogia montessoriana, Ambrozzio proporcionou um banquete de frutas para que fosse explorada a percepção dos sentidos. Cada criança ficou responsável por levar uma fruta, a partir disso, a professora começava a explorar os sentidos. As crianças, com os olhos vendados, eram instruídas para que tocassem a fruta e descobrissem qual era a fruta; depois, pela degustação era permitido que adivinhassem que fruta haviam comido.

(...) Ora, todo o menino gosta de fructas, e isto percebi a hora do lanche. Sempre um alumno punha sobre a mesinha, uma goiaba, manga ou qualquer outra fructa, os outros começavam a admiralo attentiosamente .

Algumas vezes, um mais curioso levava a fructa ao nariz, cheirava-a e depois dizia com um arzinho encantador: gosto muito disto, e a mamãe sempre compra para mim e a maninha.

Então resolvi fazer uma experiencia reunindo o util ao agradável.

Dois dias antes do feriado eu trouxe para a sala de classe um cachinho de uvas, e apresentei-o os pequenos assim: Vejam que belezza!...

Immediatamente toda a attenção convergia para as lindas e saborosas fructinhas.

(...) Vamos todos nós reunidos em nosso lindo Pavilhão, offerecer a nós mesmo uma bella festa (...) para isso é preciso que cada um de vocês traga amanhã uma fructa qualquer, ou mesmo a que lhe agradar (...) No dia seguinte cada menino se interessou-se em trazer a melhor fructa que poude. (...) vendei os olhos de cada alumno por sua vez e fil-os conhecer apalpando-as com as duas mãos assim; colloquei nas mãosinhas de um uma das fructas e perguntei-lhe: conhece esta? (...) Depois continuando ainda as creanças com os olhos vendados, mandei que pusessem as mãosinhas para as costas e fil-as reconhecer as frutas cheirando-as.

(...) finalmente, partí algumas fructas e as fiz reconhecer pelo gôsto assim (Sempre um alumno de

¹¹Não foram encontradas informações biográficas sobre M. de Poew. Os capítulos traduzidos expõem os métodos da pedagogia montessoriana: *Usar a liberdade sem prejudicar* (1928). *A educação do systema muscular* (1928). *A linguagem e o ponto de contacto com o mundo exterior* (1929). *Como evitar e corrigir os defeitos da linguagem* (1929).

cada vez) mastigue bem isto, e diga o que é.
(AMBROZZIO, 1928, p.21-23)

Conforme o trecho considera-se que a criança na escola é induzida a observar o mundo, tornar-se ativa e colaboradora para a nova vida social. A escola, nesses moldes, era um espaço agradável, integrado a “vida” pensada pela nova ordem social. O gosto da criança pela escola deveria ser extensivo à vida social, então, o lema “vida e escola” ganhava relevância.

No trecho destacado, constata-se que Ambrozzio seguiu as recomendações de Montessori, nos itens: observar o interesse da criança; chamar sua atenção e explorar o material o máximo possível. A partir do relato da professora alagoana, houve uma interação que o método considerava proveitosa, pois foi possível desenvolver pelo banquete das frutas o aprimoramento dos órgãos dos sentidos. Porém, a ânsia em desenvolver uma aula baseada na experiência e na interação das crianças fez com que muitos conteúdos fossem negligenciados. A respeito Savianni (1999) discorre sobre a concepção que à classe social menos favorecida tem sobre a aquisição de conteúdo, afirmando que esta não ocorre de maneira espontânea, necessita da articulação do professor para ministrar conteúdos mais ricos, pois, a escola se caracteriza como único espaço para promover o conhecimento capaz de fazer com que o indivíduo compreenda de forma crítica a estrutura socioeconômica na qual está inserida.

Retomando a discussão sobre o artigo *A pequena palestra sobre a cultura dos sentidos*, nota-se que a professora não utilizou o material sensorial sugerido por Montessori, como os sinos para desenvolver a audição ou os blocos para o tato, mas através da sua percepção do interesse da turma desenvolveu uma atividade que seguia a proposta montessoriana.

Para Pires (2018, p.42-43) há uma discussão desde o século XX a respeito da fidelidade do método, pois existem dois grupos de pessoas que decidem trabalhar com essa metodologia, as que seguem fielmente e as que fazem adaptações. Apesar de Pires não se posicionar acerca de qual grupo está correto, ela afirma que as variações são normais de um lugar para outro, pois a realidade social é uma constante variável. Ademais, a autora também explica que o eixo principal da obra montessoriana está no olhar diferenciado do adulto para a criança, e não as convicções e os juízos que se constrói a respeito do método.

Ainda sobre a educação por meio dos sentidos, Montessori afirma que desenvolver atividades que envolvam o sistema sensorial é primordial para a educação da criança, pois isso interfere em sua vida adulta. Expressando inúmeras possibilidades no que diz respeito à educação dos sentidos para o desenvolvimento psíquico e biológico da criança de 3 a 6 anos,

a autora constrói uma sequência de exercícios para ser explorado o tato, o olfato, a visão e o paladar. De acordo com Hofstatter (2012, p. 50) é através da educação dos sentidos que a criança futuramente desenvolve aprendizagens cognitivas, contudo passa a ter uma atividade mais operacional do que intelectual.

O material didático sensorial que compunha o método permite que a criança desenvolva o autoconhecimento do meio em que está inserida como também da exploração de si mesmo. Por exemplo, o exercício do gosto e do olfato; eram cultivadas flores violetas e jasmims, ervas aromáticas, saquinhos de perfumes eram amarrados com fitas e fixados na parede e sabonetes com perfumes naturais ficavam ao redor das crianças, essas iam aprimorando o olfato de acordo com a exploração do ambiente. O exercício do gosto desenvolvia na criança a capacidade de distinguir os quatro sabores (doce, salgado, amargo e ácido) permitindo-a distinguir as sensações mistas olfativas-gustativas. (MONTESSORI 1965, p. 122-123)

Os exercícios visuais e táteis, como destaca Rohrs (2010, p. 22) permitia que a criança avaliasse seu grau de êxito durante a realização, a exemplo disso temos os blocos que só possuem uma única maneira de encaixe, portanto se a criança colocar equivocadamente logo irá perceber o erro cometido, desenvolvendo com isso o raciocínio de observação. Os exercícios táteis permitem a criança desenvolver a coordenação motora, a princípio para os alunos menores as atividades estão voltadas para os movimentos do corpo de forma harmoniosa, ou seja, tendo equilíbrio para percorrer uma linha traçada no chão segurando uma vasilha com líquido, quando ocorre o derramamento a criança logo percebe que seus movimentos não estão suficientemente coordenados.

Para a maior eficácia dos exercícios que envolviam a audição, eram anulados os outros sentidos, realizando geralmente atividades de olhos vendados para as crianças perceberem o som que estava no ambiente. Montessori afirma que a educação do ouvido parte da imobilidade à percepção dos ruídos e sons provocados pelo movimento, ou seja, do silêncio. Para promover o silêncio não adiantava, segundo a teórica, uma aclamação da professora pedindo, mas através dos exercícios de imobilidade se alcançava o verdadeiro silêncio.

O silêncio nas classes montessoriana se caracteriza como uma conquista coletiva, pois só poderá alcançar o silêncio absoluto se todos estiverem dispostos a buscar por imobilidade. Ademais, em seus escritos, Montessori destaca que a criança que consegue encontrar o silêncio é mais feliz, pois passa a perceber sons que outrora não ouvia como, por exemplo, o tic-tac do relógio, um pássaro que pia, além de contribuir para a obediência e gentileza, visto que promove a satisfação interior em ficar imóvel sem produzir nenhum ruído. (1969, p.139 - 141).

Outro conteúdo abordado na *Revista de Ensino* julho- agosto (1928 p.24), sobre a Pedagogia de Montessori, é a disciplina. Traduzido especialmente do espanhol para o periódico alagoano, o artigo de M. de Poew com o título *Usar a liberdade sem prejudicar* (1928) aborda a centralidade do método montessoriano “A liberdade do aluno”. Montessori salienta que a aprendizagem nas escolas maternas não pode ocorrer com alunos sentados em fileiras, onde permanecem inertes por longas horas, pelo contrário, a educação nas classes pré-escolar deverá prezar por uma “disciplina baseada na liberdade”, frase que soa contraditória, mas como antes discutida, ter autonomia pressupõe antes incorporação de regras de convivência social.

O artigo de M. de Poew evidencia a importância da liberdade, ressaltando a relação professor-aluno nas classes montessoriana para a reflexão da prática docente. No artigo contextualiza como deverá ser a ação do professor em certas situações que exigem uma atitude diferenciada da qual estavam habituados nas escolas tradicionais. No texto narra um episódio em que a criança buscava ver algo, porém por conta da sua estatura não conseguia, então busca uma cadeira para alcançar seu objetivo, a professora por sua vez o retira e o leva nos braços para ver. Na concepção pedagógica montessoriano essa foi uma atitude equivocada, pois retirou da criança a autonomia de realizar algo por si própria.

Certamente o menino vendo os brinquedos fluctuantes, não experimentou o mesmo gozo que esteve a ponto de alcançar, suprimindo o obstáculo com suas próprias forças; e o ter visto estes brinquedos não foi para ele nenhuma vantagem, enquanto que, o esforço inteligente teria desenvolvido suas forças interiores. A mestra impede ao menino educar-se por si próprio sem lhe dar, em compensação, nenhum bem. (POEW, 1928, p. 27).

O conceito de liberdade em Montessori é complexo para a compressão de quem está habituado em uma sala de aula em que todos estejam obedecendo à ordem do professor. A liberdade em Montessori, enquanto conceito, se refere a autonomia de ação, pois permite que o aluno realize as atividades conforme ele deseja, ou seja, não existe um horário específico para realização de cada tarefa, a criança vai explorando os materiais que a elas são disponibilizados livremente, porém é preciso a correção quando algo não se encaminha bem ou quando a criança faz algo que prejudique o outro e/ou a ela mesmo. Isso gera dificuldades para as docentes, pois é para permitir ou repreender as atitudes das crianças?

Quando as mestras se fatigaram com as minhas observações, começaram a deixar os meninos fazerem tudo o que queria; eu o vi com os pézinhos sobre a meza e com dedos no nariz, sem que ellas interviessem para corrigil-os; vi outros que

puxavam os seus camaradas violentamente sem que a mestra lhe fizesse a menor observação. Então tive que intervir, pacientemente para fazer compreender a maneira rigorosa com que é preciso prevenir, pouco a pouco suffocar os actos reprehensíveis, afim de que o menino possa adquirir um discernimento claro do bem e do mal. (POEW, 1928, p. 27)

Pelo exposto, trata-se de uma pedagogia da contenção da infância. Apesar de defender a autonomia das crianças em relação à exploração de materiais, Montessori ressalta a necessidade de conter e repreender as atitudes dentro de um parâmetro dicotômico entre bem e mal.

Segundo Rohrs (2010, p. 69) a disciplina na perspectiva montessoriana requer da mestra um olhar que ultrapasse a sala de aula, pois a formação está para além dos muros da escola, a formação do sujeito está para o âmbito social onde deverá caminhar durante a sua vida respeitando o interesse coletivo. Nesta perspectiva se projeta o conceito de liberdade e disciplina, a liberdade apenas é conquistada se houver disciplina, o aluno não tem autonomia para fazer o “bem ou mal” sem que haja orientação, é necessária, segundo o autor, que a mestra o oriente em tudo que possa ofender ou prejudicar o próximo, esta orientação não se articula com a proposta da Escola Nova, pelo menos não explicitamente.

Maria Rosália Ambrozzio publica o artigo “*A Disciplina da Liberdade*” na Revista de Ensino (1928), e reforça o conceito de uma “liberdade com limites” nas classes montessorianas.

É certo que a disciplina tem como base fundamental - a liberdade dos alumnos. Mas, essa mesma liberdade deve ter suas tendencias educativas e disciplinares. Se assim não fosse, muito depressa se transformaria uma sala de classe, às vezes apertada e com muitos alumnos, num manicómio em miniatura, pois que de ordinario as crianças que entram n’essa classe são traquinas demais e egoistas cheias de vontades. A illustre Educadora Dra. Maria Montessori quer que o alumno tenha o direito espontaneo de agir, mas de agir de um modo consciente, embora dentro de um regime da liberdade. (AMBROZZIO, 1928, p 34.)

Ambrozzio levanta a discussão sobre o castigo, um recurso pedagógico utilizado em escolas tradicionais para punir as crianças que não apresentassem comportamento compatível com as regras do lugar. Diferencia-se castigo de disciplina, pois esta última, como destaca a autora no trecho, refere-se à orientação capaz de promover uma liberdade com tendências educativas. Nas classes montessorianas castigo não existe, há apenas a disciplina para conviver com o coletivo, assim, a maneira encontrada para fazer com que a criança reconheça

que fez algo errado ocorre mediante a reflexão do seu ato. A reflexão ocorre por intermédio da atitude da mestra em separar a criança, que se comportou de forma inadequada diante das normas estabelecidas no local, do restante do grupo.

Se depois destes e de outros conselhos, aparecer ainda alguma creança rebelde a ponto de prejudicar a disciplina da classe a professora não lhe dará castigo nenhum, apenas a separará com sua cadeirinha para um dos angulos da sala, pedindo-lhe que faça seus brinquedos alli sosinha, até que ella por si mesma comprehenda o motivo que a affastou de suas coleguinhas afim de que o seu isolamento venha despertar-lhe o sentimento do respeito á liberdade. corregida essa, voltára novamente à companhia das outras. (AMBROZZIO, 1928, p 34.).

A reclusão da criança retrata uma tentativa de correção e aprimoramento da sua conduta, pois a partir do afastamento do aluno dos seus pares, há uma autocompreensão sobre os motivos que ocasionaram a limitação da sua liberdade. Contudo, é imprescindível refletir sobre os limites que separam a disciplina da punição e como essa prática pode interferir na formação do aluno. O objetivo da disciplina não é simplesmente isolar o aluno, isso seria caracterizado apenas como uma punição, mas o principal propósito está além do isolamento da criança, está na ação de refletir sobre sua conduta e despertar em si o sentimento do respeito à liberdade, interferindo assim positivamente na formação do aluno através da aplicação da disciplina.

M. de Poew traduz e publica na *Revista de Ensino* de 1928 o Método Montessori - *A Educação do Systema Muscular*. Nesta publicação é exposta a forma prática das atividades que desenvolvem a coordenação motora das crianças realizadas na *casa dei bambini de Milão*. Com exercícios simples como abotoar e desabotoar botões, lavar as mãos, transportar materiais frágeis de um lugar para outro, a criança vai aperfeiçoando seu sistema muscular, podendo assim estabelecer um conceito de ginástica diferente do que era acostumado a ter, pois não era preciso haver exercício de acrobacia perigosa para as crianças desenvolverem suas musculaturas, e sim exercícios que favorecessem os movimentos fisiológicos. Outro ponto a ser destacado no artigo é a importância da criança aprender com o outro:

A mestra não é obrigada a mostrar a operação a todos os meninos; uns olham os trabalhos dos outros e os imitam rapidamente com eixto; os maiores se improvisam por outro lado, e mais a seu gosto, monitores dos pequenos.
(...) Os meninos olham o trabalho dos outros e procuram imitá los; os maiores se interessam muito pelo progresso dos menores. (POEW, 1928 p.38-39).

No trecho é perceptível uma preocupação com o “como fazer”, isto se ajustava a um perfil de docente que não deve se ater às consequências do “fazer” em sala de aula, mas ao modo como é feito, sendo esse modo influenciado pela relação entre pares. É importante ressaltar que a relação criança - criança é uma característica do método montessoriano, a autora acreditava que crianças de diferentes faixas etárias juntas em uma única sala de aula possibilitaria a troca de experiências entre si. Na *Casa dei Bambini* eram recebidas crianças de várias idades, porém a disponibilidade de materiais ocorria de acordo com a idade de cada uma, ou seja, a criança de seis anos poderia ensinar uma criança de três anos a fazer algo, porém os recursos utilizados serão conforme a idade. (MONTESSORI, 1965, p. 82).

Na *Revista de Ensino* maio/junho de 1929 temos mais uma tradução da Pedagogia montessoriana de M. de Poew discorrendo sobre a temática: *A linguagem e o ponto de contacto com o mundo exterior*. O autor apresenta o modo de ensinar novos vocábulos aos alunos, com utilização de material concreto para melhor absorção do significado das palavras. Isto é, a professora vai mediando ações que exigiam utilização conceitos de grosso - fino, pesado-leve, claro - escuro, as cores e seus nomes, as formas geométricas e suas classificações, no decorrer das aulas as crianças vão absorvendo esses conceitos e incluindo-os no dia a dia. Essa maneira de ensinar produz no aluno não apenas o conhecimento propriamente dito, mas a reflexão desse conhecimento, promovendo habilidades na criança para descobrir o mundo exterior, que falta em outros meninos que não tem acesso a pedagogia montessoriana, pois o menino que é formado nas escolas montessorianas é dotado de capacidade de observação.

Ambrozzio trata na *Revista de Ensino* de 1929 (set./out) sobre a inauguração do retrato de Maria Montessori no “Pavilhão” do Grupo Escolar D. Pedro II. Ambrozzio, como já foi apresentado neste trabalho, aplicava o método montessoriano em suas classes. Partindo desse pressuposto, no artigo *Galeria dos mestres - Em louvor a Maria Montessori*, a educadora alagoana apresentava ao leitor uma biografia de Maria Montessori, pontuando os principais argumentos que fundamentam a sua pedagogia. (p.41)

Ainda na mesma revista, M. de Poew traz *Como evitar e corrigir os defeitos da linguagem* de acordo com o modelo montessoriano de ensino. A discussão acontece a partir da análise das razões pelas quais a criança tem dificuldade de se expressar de maneira adequada. A autora deixa claro que o erro de algumas letras é normal quando a criança ainda é pequena, porém continuar no erro não condiz com a prática responsável do professor. A mestra deverá corrigir sempre quando houver necessidade, utilizando da arte de imitar, isto é, falar de forma correta para que a criança, que adora imitar, aprenda a falar de forma coerente

as normas da linguagem do seu idioma. Em alguns casos a imitação não é suficiente para se alcançar uma dicção perfeita, então, são necessários alguns exercícios que promovam a correção dos defeitos da linguagem, como, por exemplo, a prática do silêncio que permite a criança se acalmar, oportunizando o relaxamento dos órgãos vocais para a prática paciente e repetida das palavras.

Em 1930 a publicação de março-abril da *Revista de Ensino*, apresenta o programa do curso pré - escolar, afirmando que “Por enquanto o material didactico adoptado é da insigne educadora italiana Dra. Maria Montessori” (p.63). A partir dessa afirmação temos um currículo com onze tópicos programados para seguir o método montessoriano, a fim de direcionar a prática pedagógica nas classes alagoanas.

Na *Revista de Ensino* de 1931 (fev/mar), as publicações referentes à Montessori e seu método não ocupavam as páginas principais da revista, eram apresentadas na forma de citação dentro de outro artigo do impresso pedagógico. A discussão se configura na implantação da Escola Nova nos territórios brasileiros. Apesar da contribuição para a educação primária, em Alagoas, a autora italiana perde a visibilidade considerando os exemplares dos anos anteriores, pois novos autores surgem como referência para a Escola Ativa, como Decroly, Dewey, Ferrière que são considerados os reformadores da pedagogia moderna e vão ganhando notoriedade no periódico.

A despeito da pedagogia montessoriana em Alagoas sua propagação permaneceu presente no ensino. Em 1938 o *Almanaque de Ensino* de Alagoas nos mostra que a metodologia do Jardim Infantil seguia a linha montessoriana. Semelhante a *Revista de Ensino* o almanaque traz as principais contribuições de Montessori, estabelecendo 12 tópicos com os tipos de exercícios que deverão ser realizados nas classes e ainda divide o jardim infantil em três etapas de acordo com a idade, sendo a 1ª para crianças de quatro a cinco anos, a 2ª de cinco a seis e a 3ª de seis a sete anos. Apesar da utilidade para o professorado e para os alunos da escola normal, o almanaque não conseguiu ter o mesmo alcance de divulgação *Revista de Ensino*, afinal, o impresso aqui em estudo tinha a estrutura oficial para publicação e divulgação em todas as escolas alagoanas.

O tópico a seguir trata diretamente de dois grupos escolares da capital alagoana que iniciaram as orientações do método de Maria Montessori.

3.2 Grupos Escolares Diegues Junior e D. Pedro II

A modernização pretendida pela República brasileira alcançou os modelos escolares da época, demonstrando o anseio por uma reforma nas escolas primárias. Diante disso,

surgiram os grupos escolares como resposta a tal necessidade. De acordo com Baduy e Ribeiro (2020) o primeiro grupo escolar surge em São Paulo nos primeiros decênios do século XX e se propaga pelo resto do país, objetivando ser um modelo escolar destinado a todos os estratos sociais — da elite à classe trabalhadora.

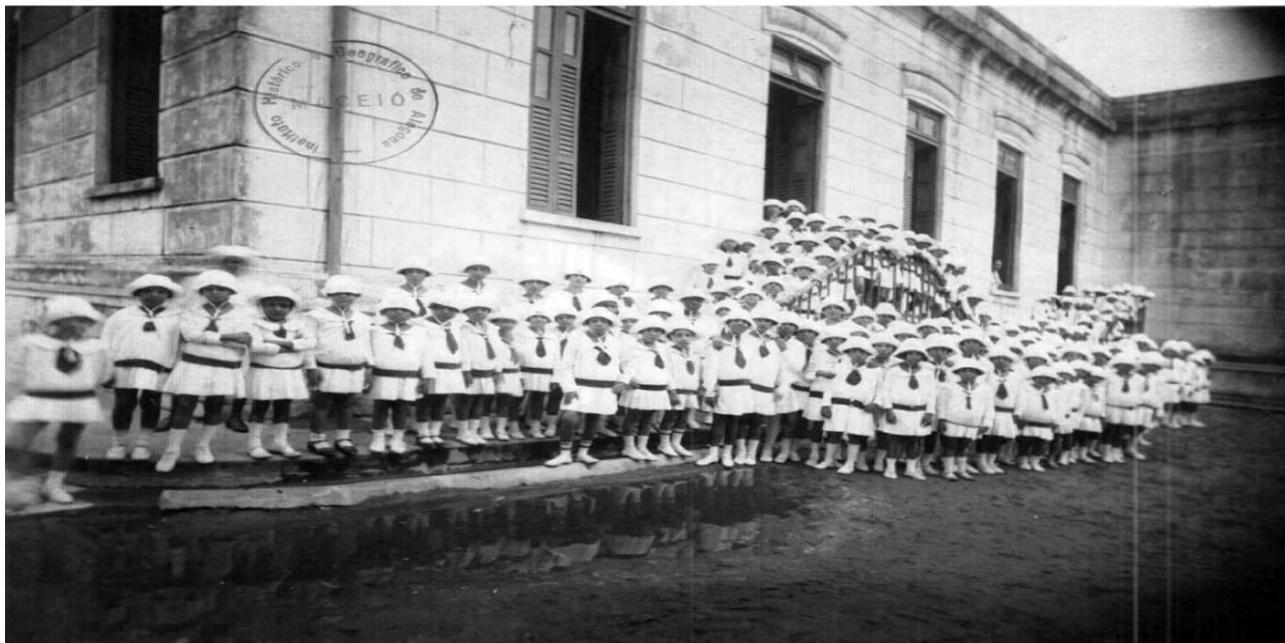
Em Maceió foi inaugurado em 1917 o Grupo Escolar Diéguas Junior, considerado o primeiro grupo escolar da capital. Em 1925 surgiu o Grupo Escolar D. Pedro II reconhecido como a escola modelo do estado. Ambos os grupos tiveram Craveiro Costa como diretor. Segundo Martins (2014) Costa era adepto do ensino ativo, portanto, o implantou nas duas instituições com o intuito de desenvolver no aluno o interesse pelo aprendizado. O método de Maria Montessori foi adotado nos dois grupos escolares liderados por Costa como símbolo da pedagogia ativa. Encontram-se abaixo duas fotografias de uma das instituições, tendo à frente os alunos com um vestuário exigido pela organização escolar. Costa (1931 p.66) afirma que são isentas da obrigatoriedade de frequentar a escola as crianças que não possuem o vestuário adequado, com isso podemos perceber que o uniforme escolar era um dos requisitos para frequentar as aulas.

Imagem 1: Grupo Escolar Diéguas Júnior (1924)



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-cientista-social-manuel-diegues-junior.html>

Imagem 2 – Crianças do Grupo Diégues Júnior uniformizada (1924)



Fonte: https://issuu.com/gpobjetosdaescola/docs/imagens_da_escola_primaria_no_brasil/1

Considerando a fotografia, a padronização das crianças mediante a uniformização nos leva a questionar o perfil do aluno que frequentava a escola, pois provavelmente os alunos tinham que custear a compra do uniforme, sobrecarregando os recursos financeiros das famílias. Para uma escola pública nos moldes escolanovista a imagem sugere um modo de exclusão das massas populares.

De acordo com Craveiro Costa (1930) eram quatro cursos infantis que funcionavam em Alagoas totalizando o número de 200 alunos matriculados, segundo Martins (2014) esse é um número particularmente baixo comparado ao número de crianças em Alagoas. Um dos fatores que pode ter contribuído para isso é que os alunos teriam que pagar uma taxa de 24\$000 no ato da matrícula. Outra questão da evasão escolar que Martins (2014, p. 109) refere é aos materiais exigidos para os alunos.

(...) Uma escola que era frequentada por um grupo seletivo de alunos, provenientes de famílias com condições de custear as despesas na compra do material escolar e do uniforme exigidos pela direção do grupo escolar. (...) Tais informações nos permitem traçar o perfil sócio-econômico dos alunos que eram matriculados no referido estabelecimento de ensino de Maceió e demonstra que o ideal defendido pelo movimento renovador de uma escola para todos, sem distinção social, era

uma realidade distante de ser alcançada em Alagoas na década de 1920. (MARTINS 2014, p. 109).

A educação da criança pequena não existia nesse período de forma isolada, os jardins de infância compunham a estrutura arquitetônica dos grupos escolares: o primeiro Jardim foi anexado ao grupo escolar Diégues Júnior em 1922, porém o “grupo modelo” era o D. Pedro II. Isto é justificado pela sua estrutura física, pois foi construído o Pavilhão Montessori para atender as demandas que exigiam o método montessoriano a respeito do planejamento do ambiente. A imagem a seguir nos permite a visualização do Pavilhão Montessori que fora construído aos fundos da escola D. Pedro II.

Imagem 3 – Escola Modelo D. Pedro II



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas 1924 apud. Martins 2014 p. 99

O prédio da Escola Modelo foi inaugurado em 1881, porém de acordo com Martins (2014) ele não foi destinado a educação como a princípio tinha sido idealizado, pois em 1892 foi cedido ao Supremo Tribunal do Estado. Somente em 1925 a Escola Modelo foi transformada em Grupo Escolar Modelo Pedro II e em 1926 foi construído o “Pavilhão Montessori” ao lado do edifício, conforme a imagem acima, para abrigar o Jardim da Infância.

O Pavilhão Montessori era subdividido em três pavilhões de acordo com a faixa etária das crianças, o primeiro correspondia as crianças entre três e quatro anos, o segundo era destinado aos de quatro a cinco anos e o último as crianças de cinco a seis anos.

Apesar de construído o “Pavilhão Montessori” no Grupo escolar D. Pedro II com o objetivo de seguir a pedagogia de Maria Montessori encontrou ainda algumas dificuldades de

ajustar-se às orientações da médica e educadora italiana, como a projeção do ambiente e dos materiais, elementos destacados por Joaquim Moreira de Souza ex- diretor de Instrução Pública do Ceará, ao visitar algumas escolas alagoanas:

(...) notando a exiguidade do edifício e alguma deficiência de aparelhos educativos mas quanto à parte pedagógica propriamente dita S.S. manifestou-se inteiramente surpreendido, afirmando nos que em todo norte não há melhor do que em Alagoas e que mesmo no Sul, não são muitas as professoras especializadas com orientação e capacidade profissional da professora Maria Ambrozzio (JORNAL DE ALAGOAS 1931, *apud* MARTINS 2014, p. 115)

Maria Rosalia Ambrozzio foi a maior divulgadora da pedagogia de Montessori em Alagoas, segundo Martins (2014) Ambrozzio visitou a Europa para aprimorar seus conhecimentos sobre Jardins de Infância. A imagem a seguir mostra Ambrozzio em sua sala de aula quando ainda atuava no Grupo Diégues Júnior.

Imagem 4 – Classe pré-escolar do Grupo Diégues Júnior



Fonte: Revista de Ensino Maceió, nov/dez-jan/fev, 1928/29 apud. Martins 2014 p. 109

A imagem da classe pré-escolar nos permite analisar alguns aspectos sobre a organização da turma e das atividades, apesar da classe ser para ambos os sexos, percebemos uma separação entre meninos e meninas, outro aspecto é a quantidade média de 23 alunos na sala de aula uniformizados com o padrão europeu. Mais um ponto observado seria a exposição desses materiais em mesas baixas acessíveis as crianças, assim como a pedagogia montessoriana sugeria para as classes das crianças pequenas. Apesar de não identificarmos

com precisão para que se refere esses materiais a imagem nos leva a perceber que estão em um ambiente ao ar livre por conter as plantas ao fundo da imagem.

A professora que aparece ao lado dos alunos, segundo Martins (2014) Maria Rosália Ambrozio atuava primeiro no Grupo Diégues Junior quando Costa se tornou diretor da instituição em 1922, depois foi transferida para o Grupo Escolar D. Pedro II por volta de 1926, ano no qual o Pavilhão Montessori foi inaugurado assumindo então o cargo de diretora do Jardim de Infância.

Apesar da tentativa de ter uma escolarização infantil pautada na pedagogia montessoriana a averiguação feita por Souza (*apud Martins 2014*) nos permite mencionar a dificuldade em seguir as orientações pedagógicas da médica e educadora para a renovação do ensino, pois era preciso a aquisição de materiais adequados para exercer algumas atividades. Martins (2014) destaca que a estrutura precária dos prédios trouxe implicações na aplicação das novas orientações de ensino. O discurso otimista de Craveiro Costa na condução do grupo escolar D. Pedro II acerca do investimento na formação dos professores da referida instituição, permitindo que nove deles fosse a Recife para participar da Cruzada Pedagógica. Um dos periódicos da época reproduz o otimismo de Costa, como mostra o *Jornal a Notícia* (1930).

Depois da cruzada pedagógica, em boa hora organizada pelo actual Diretor da Instrucção Pública, a orientação escolar, nos grupos da capital, se vae modificando sensivelmente e, no Pedro II passou por uma transformação radical. Essa transformação deve-se ao facto de ter esse grupo escolar fornecido à Cruzada maior numero de professoras, com o fito muito intelligente de se ter no Estado pelo menos um estabelecimento que se pudesse facilmente adaptar ás exigências de uma escola de applicação, para prática pedagógica das normalistas (*apud MARTINS 2014, p. 117*)

A partir do legado deixado pelos intelectuais alagoanos, é possível notar que, de algum modo, houve a tentativa de renovação escolar em Alagoas, tendo o grupo D. Pedro II como escola modelo. É importante ressaltar que todos os artigos aqui mencionados constavam na *Revista de Ensino*, impresso da Diretoria da Instrução Pública do estado de Alagoas, então, de certa forma, veiculavam as propostas do governo à época no poder. De modo geral, para o grupo que compunha as revistas de ensino no Brasil, a escrita de Montessori interessava apenas aquela parte prática, não havia interesse em discutir os vínculos teóricos da autora, muito menos conceitos mais gerais de infância ali circulados. Tal condição pode ter empobrecido o rico legado pedagógico da educadora italiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir dos discursos circulados na *Revista de Ensino*, impresso pedagógico do governo do estado de Alagoas, foi possível perceber a importância da história da educação para a formação docente contemporânea, pois é através dela que nos informamos acerca da escrita sobre projetos e ações pedagógicas do passado.

Particularmente sobre a pedagogia de Maria Montessori, é importante problematizar o uso recorrente das fontes sobre o “método”, talvez este tenha sido um dos elementos que empobreceu as abordagens sobre as contribuições da médica e educadora italiana, uma vez que não se resumia às orientações instrucionais, mas a um novo conceito de pedagogia e de infância para época.

Ao considerar a problemática inicial da pesquisa acerca das contribuições da pedagogia de Montessori para as escolas primárias de Alagoas, percebe-se que a influência da médica no estado resultou em publicações de artigos e realização de jornadas pedagógicas destinadas a propagar aquele novo modelo de educação infantil. Nos relatos de experiência da professora Maria Rosália Ambrozzio observa-se um profundo interesse em seguir as orientações da mestra Montessori, com adaptações necessárias para se adequar a realidade alagoana. Ademais, acrescenta-se a prática do Grupo Escolar D. Pedro II ao fundar o “Pavilhão Montessori”, que objetivava colocar em prática a metodologia e os conceitos pedagógicos defendidos pela médica e educadora. Com os resultados dessas experiências, é perceptível que houvesse contribuições significativas para educação primária de Alagoas durante o período de estudo proposto (1928-1930).

Outro elemento significativo da pedagogia montessoriana é o conceito de disciplina e liberdade, pois é essencial para direcionar a prática em sala de aula. Diante de tal conceito, é importante ressaltar que, apesar de defender a autonomia da criança no manejo de materiais, é essencial a orientação do docente na aplicação da disciplina para evitar comportamentos que podem ser considerados prejudiciais para o coletivo ou o ambiente escolar.

Percebe-se também que a utilização da pedagogia montessoriana está condicionada ao uso de recursos concretos propostos para a aprendizagem. As adaptações de acordo com a faixa etária da criança são primordiais para que ocorra uma autoeducação, porém não é discutido sobre a condição social e cultural do aluno e sobre o contexto social da escola. A partir disso, é possível formular a hipótese de que a pouca discussão da teoria montessoriana

sobre aspectos sociais, pode ter influenciado de forma negativa à perpetuação da influência apenas “metodológica” nos currículos da escola pública. Diante de tal hipótese, aponta-se a possibilidade de novas pesquisas envolvendo as relações teoria e prática nas publicações da médica e educadora italiana.

REFERÊNCIAS

AMBROZZIO, Maria Rosalia. Disciplina da Liberdade. *Revista de Ensino*. Maceió ano II. n.11, p 34-35, setembro –outubro/1928.

_____, Maria Rosalia. Em louvor de Maria Montessori. *Revista de Ensino*. Maceió ano III. n.17, p 41, setembro – outubro/1929.

_____, Maria Rosalia. Pequena palestra sobre a cultura dos sentidos. *Revista de Ensino*. Maceió ano II. n.8, p 21, março- abril/1928.

_____, Maria Rosalia. Uma lição de cores. *Revista de Ensino*. Maceió ano II. n.10, p 56, julho - agosto,/1928.

_____, Maria Rosalia. Perceber comparar e classificar sons. *Revista de Ensino*. Maceió ano II. n.7, p 45, janeiro - fevereiro,1928.

ALENCAR, Renato de. Antagonias didactica unilateralidade do ensino. *Revista de Ensino*. Maceió ano II. n.8, p 03-19, março- abril/1928.

AMARAL, Bruna Carla de Carvalho. Educação especial no Brasil: os primeiros passos e seus princípios norteadores. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, v. 5, n. 2, p. 103-116, 2019.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação e da pedagogia/ livro eletrônico: Geral e Brasil* São Paulo Editora Moderna: 2012.

BADUY, Marina; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. Origens do Grupo Escolar e a Modernização (Educativa) no Brasil. *Intercursos Revista Científica*, v. 19, n. 1, 2020.

BASTOS, Humberto. *O desenvolvimento da instrução pública em Alagoas*. Maceió: Depto. de Estatística de Maceió, 1939.

BENCOSTTA, Marcus Levy. A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018). *Revista Brasileira de História da Educação*, V. 19, 2019.

BERNARDES JUNIOR, José. As idéas da nova instrução. *Revista de Ensino*. Maceió anno IV, n.20, p. 27-32, março-abril/1930.

CAMPOS, Simone Ballmann de. *A institucionalização do método montessoriano no campo educacional brasileiro (1914- 1952)*. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal de Santa Catarina 2017.

CHALOPA, Rosa Fátima SOUZA; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino; SILVA, Vera Lúcia Gaspar (Orgs.). *Imagens da Escola Primárias no Brasil 1920-1960* p. 133. Disponível em: < https://issuu.com/gpobjetosdaescola/docs/imagens_da_escola_primaria_no_brasi/1> Acesso em: 27. jun. 2022.

COSTA, João Craveiro. *Instrução pública e instituições culturais em Alagoas*. Maceió: Imprensa Oficial, 1931.

ESCOBAR, José Ribeiro. *O aprendizado activo*. *Revista de Ensino*. Maceió anno IV, n.21, p. 3-13, maio – agosto/1930.

FRAGO, Antonio Viñao et al. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista de educación*, 1995.

MARTINS, I. C.; DIÓGENES, E. M. N. A Renovação escolar em Craveiro Costa: ditos e significados. In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2013, Cuiabá. VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013.

MARTINS, Iane Campos. Os ideais da Escola Nova em Alagoas nas décadas de 1920 e 1930. In: *Os escritos educacionais de João Craveiro Costa e a Escola Nova em Alagoas nas décadas de 1920 e 1930: interrelação entre ideias e práticas*. 2014. Dissertação (Mestrado em educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió 2014.

MONTESSORI, Maria. *A criança* 3 ed. Círculo do livro, 1988.

MONTESSORI, Maria. *Pedagogia Científica*, São Paulo: Flamboyant 1965.

MULLER, Verônica Regina *História de Crianças e Infâncias - registros, narrativas e vida privada*. 1 ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A pedagogia de Maria Montessori para a educação na infância. *Quaestio-Revista de Estudos em Educação*, v. 21, n. 1, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica 2008.

PIRES, Bárbara Hungria Dias, *Práticas pedagógicas montessorianas: potencialidades e desafios*. Dissertação (Pós-Graduação em educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

RAMOS, Graciliano *Infância*. In: *Obra Completa*. Vol.III. 24 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1945.

ROHRS, Hermann. *Maria Montessori / Hermann Röhrs*; tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.: il. – (Coleção Educadores) Montessori, Maria, 1870-1952. 2. Educação – Pensadores – História. I. Título.

ROSA, Kaciana Nascimento da Silveira et al. *Toda criança é capaz de aprender: as contribuições de Edouard Séguin (1812-1880) para a educação da criança com deficiência intelectual*. 2012.

SANTOS, Regina Brito Mota dos. *A infância na Revista de Ensino em Alagoas (1927-1931): um contraponto com Walter Benjamin*. Trabalho de conclusão de curso (TCC) - Universidade Federal de Alagoas 2017.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!* Demerval Saviani.- 32. Ed.-Campinas, SP: Autores Associados, 1999. - (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.S)

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações/ Dermeval Saviani* 11.Ed.rev. — Campinas, SP: Autores Associados, 2011. — (Coleção educação contemporânea)

TICIANELLI, Edberto. O cientista social Manuel Diégues Júnior. 2015. In: História de Alagoas. Disponível em:< <https://www.historiadealagoas.com.br/o-cientistasocial-manuel-diegues-junior.html>>. Acesso em: 27. jun. 2022

TOLEDO, César de Alencar de Arnaut; JUNIOR, Oriomar Skalinski. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 12, n. 48, p. 255-268, 2012.

VILELA, Humberto. *A primeira casa escolar de Maceió*. Pref. João Azevedo. Maceió, EDUFAL, 1980.